

6

fiato

e razão

Quando um novo número de FATO chega às suas mãos, ele é um anúncio vivo de que a aflita equipe que a produziu está num raro momento de tranquilidade.

Que dura pouco... é verdade.

Porque já vai chegando o tempo de coletar matéria nova para o número seguinte.

E tudo recomeça.

Depois da aflição inicial de elaboração e coleta de textos e fotos, a perplexidade diante do excesso de produção...

Como selecionar exatamente o que você espera da revista, misterioso leitor?

Nunca se pode prever como você vai recebê-la, se todo o trabalho de editoria repousar sempre na intuição dos editores...

O que ficaria melhor resolvido se você saísse desse espesso anonimato, por simples via postal.

Escrever cartas foi um hábito salutar no passado. Não valeria a pena restabelecê-lo?

Assim se tornaria possível ajustar a sua revista ao seu interesse.

O que é, aliás, o nosso próprio interesse, caro leitor.

S. & H.A.

FATO

e razão

Associação Movimento Familiar Cristão

Equipe de Redação deste número

José e Beatriz Reis

Selma e Helio Amorim

Supervisão Técnica

IBRAF — Instituto Brasileiro da Família

Arte e Diagramação

Maria Cristina de A. Gonçalves

Composição

Sônia Moreira Bernardo

Ordenação de Editoria e Distribuição

SENFOR — Secretariado Nacional de Formação — MFC

R. Des. Saul Gusmão, 80 - ZC-18 — Rio

Realização

CONDIN — Conselho Diretor Nacional

Manoel e Elmira Santos

Ivan e Sonia Bastos

José e Lya Sollero

Angelo e Elizabeth Orofino

Produção Gráfica

Armando Amorim Publicidade

Av. Pres. Vargas, 590 — s/2106 — Rio

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| propriedade tem hipoteca social... | 2 |
| "in minimis veritas"..... | 5 |
| quanto mais negra é a noite..... | 10 |
| a mulher de hoje..... | 14 |
| a mola mestra que nos move..... | 18 |
| sexualidade e fé..... | 23 |
| inversão do relato da criação..... | 30 |
| rango..... | 33 |
| quem sabe faz a hora..... | 34 |
| desideologização da igreja..... | 42 |
| a fábula da arca..... | 46 |
| o ambiente cultural e o casal..... | 50 |
| roteiros para reuniões..... | 55 |
| exigências novas da fé..... | 56 |
| a alegria do encontro..... | 58 |
| o diálogo da sexualidade..... | 61 |
| o segredo dos gestos e das coisas..... | 64 |
| libertação pela simplicidade..... | 67 |
| criar vida: um desafio..... | 69 |
| escreve o leitor..... | 72 |

propriedade tem hipoteca social

JOÃO PAULO II AOS ÍNDIOS E CAMPONESES DA AMÉRICA LATINA

Amadíssimos irmãos, minha presença entre vós quer ser um sinal vivo e fervoroso desta preocupação universal da Igreja. O Papa e a Igreja estão convosco e vos amam: amam vossas pessoas, vossa cultura, vossas tradições; admiram vosso maravilhoso passado, estimulam-vos no presente e esperam tanto do futuro.

NÍVEL IGNÓBIL DE VIDA

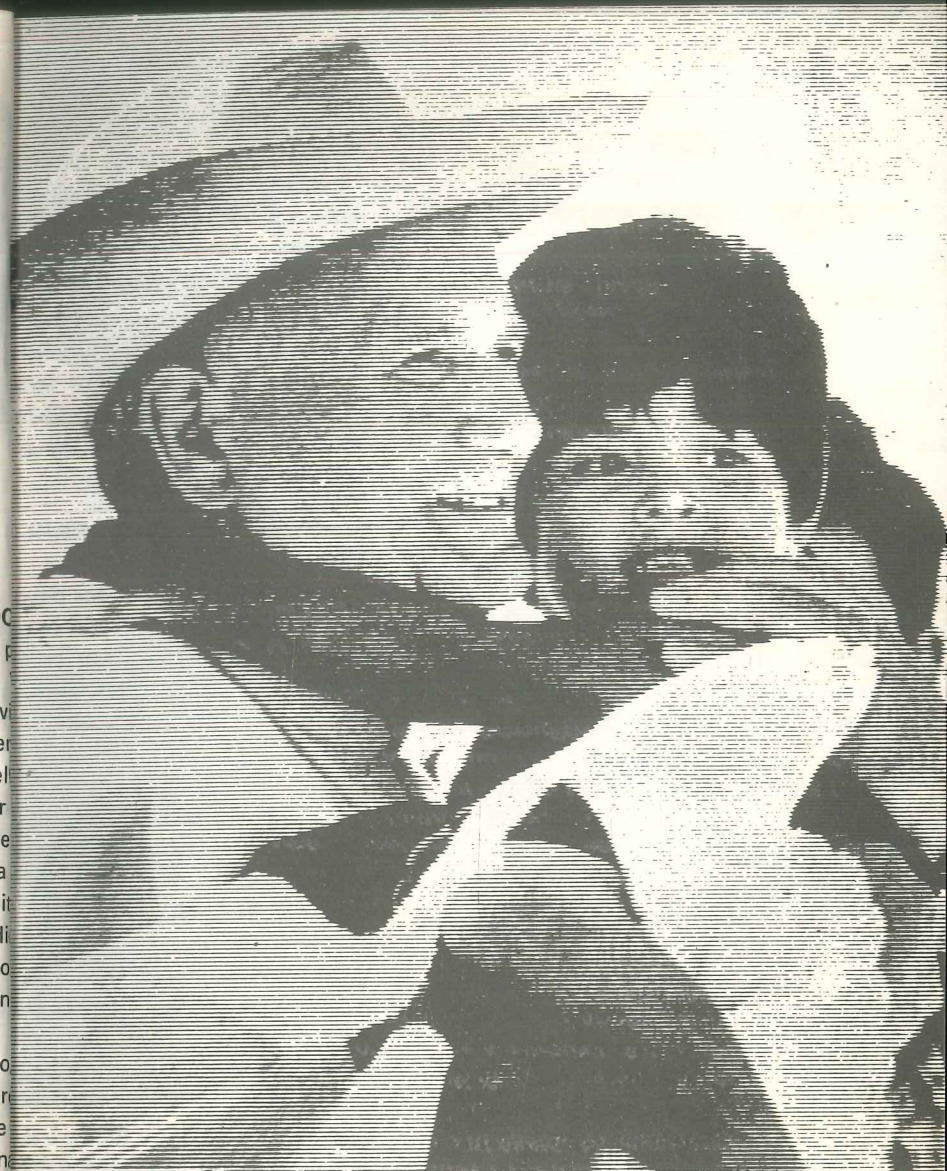
Mas não vos quero falar apenas disso. Através de vós, camponeses e indígenas, aparece ante meus olhos essa multidão imensa do mundo agrícola, parte ainda predominante no continente latino-americano e um setor muito grande, ainda hoje, em nosso planeta.

Com Paulo VI quero repetir, se fosse possível com acento ainda mais forte em minha voz, que o atual Papa quer ser solidário com vossa causa, que é a causa do povo humilde, a da gente pobre: que o Papa está com essas massas da população "quase sempre abandonadas num ignóbil nível de vida e às vezes duramente".

RECUPERAR O TEMPO PERDIDO

Fazendo minha a linha de meus predecessores João XXIII e Paulo VI, assim como a do Concílio, e em vista de uma situação que continua sendo alarmante, não muitas vezes melhor e às vezes ainda pior, o Papa quer ouvir vossa voz, a voz de quem não pode falar ou de quem é silenciado, para a consciência das consciências, convocação, para recuperar o tempo perdido que é frequentemente tempo de sofrimentos prolongados e de esperanças não satisfeitas.

O mundo deprimido do campo do trabalhador que com seu suor também seu desconsolo, não pode fazer mais que se reconheça plenamente sua dignidade não inferior à de qualquer outro setor social. Tem direito a que se lhe respeite e que se o prive — com manobras que às vezes equivalem a verdadeiros saques — para que tenha acesso ao desenvolvimento que sua dignidade de homem e filho de Deus merece. Para eles, é preciso agir imediatamente e em profundidade. É preciso fazer, feitas frequentemente de egoísmo,



intoleráveis e contra as quais se devem empreender, sem mais delongas, reformas urgentes (Populorum Progressio, 32).

HIPOTECA SOCIAL GRAVA A PROPRIEDADE PRIVADA

Não se pode esquecer que as medidas a tomar devem ser adequadas. A Igreja defende o legítimo direito à propriedade privada, mas ensina com não

menos clareza que sobre toda propriedade privada grava sempre uma hipoteca social, para que os bens sirvam à destinação geral que Deus lhes deu. E se o bem comum o exige, não se deve ter dúvidas em relação à própria expropriação, feita na forma devida (Populorum Progressio, 24).

O mundo agrícola tem uma grande importância e uma grande dignidade, é o que oferece à sociedade os produtos necessários para sua nutrição. É uma tarefa que merece o apreço e a estima agradecida de todos, o que é um reconhecimento à dignidade dos que dela se ocupam.

Uma dignidade que pode e deve acrescentar-se à contemplação de Deus, que favorece o contato com a natureza, reflexo da ação divina que cuida da herba do campo, a faz crescer, nutre e fecunda a terra, enviando a chuva e o vento, para que alimento também os animais que ajudam o homem, como vemos no princípio da gênese.

AÇÃO COORDENADA DOS CAMPO-NESES

O trabalho do campo comporta dificuldades não pequenas pelo esforço que exige, pelo desprezo com que às vezes é visto ou pelos obstáculos que encontra, e que só uma ação de longo alcance pode resolver. Sem isso continuará a fuga do campo para as cidades, criando frequentemente problemas de proletarianização extensa e angustiosa, confinamentos em moradias indignas de seres humanos, etc.

Um mal bastante difuso é a tendência ao individualismo entre os trabalhadores do campo, enquanto uma ação coordenada e solidária poderia ser de não pouca ajuda. Pensai nisto, queridos filhos.

Apesar de tudo isto, o mundo, camponeses, possui riquezas humanas e religiosas invejáveis: um arraigado amor à família, sentido da amizade, ajuda mais necessitada, profundo humanismo, amor à paz e à convivência cívica, amor à Virgem Maria e tantos outros.

É um merecido tributo de reconhecimento que o Papa quer expressar a vós e do qual sois credores da sociedade: obrigado, camponeses, por vossa valiosa contribuição ao bem social. Podemos sentir-nos orgulhosos de vossa contribuição ao bem comum.

A CULPA DAS CLASSES PRIVILEGIADAS

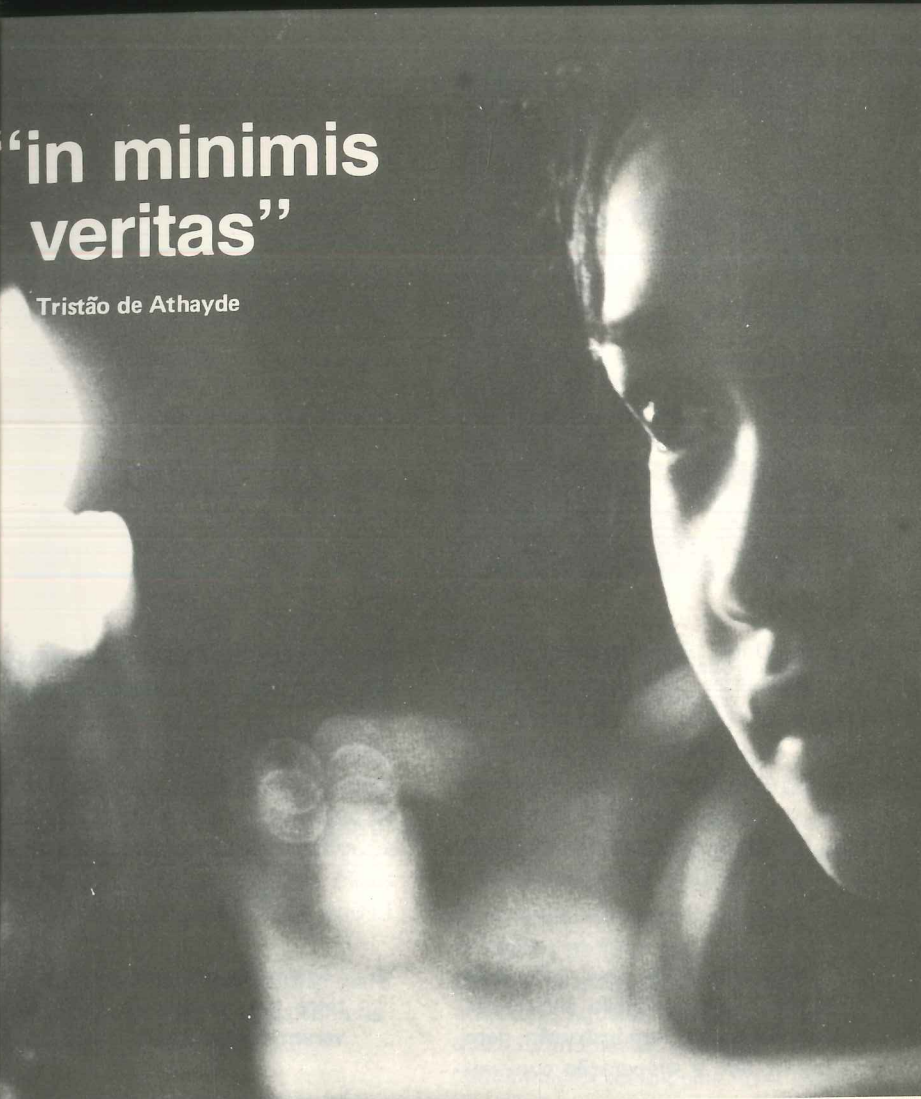
Como parte responsável dos povos, as classes poderosas que às vezes mantêm improdutivas as terras que escotam o pão que falta a tantas famílias, a consciência humana, a consciência dos povos, o grito do desvalido e o clamoroso a voz de Deus, a voz da Igreja repete comigo: não é justo, não é humano, não é cristão continuar com certas situações claramente injustas. É preciso pôr em prática medidas realistas eficazes, a nível local, nacional e internacional, na ampla linha marcada pela Encíclica Mater et Magistra (terceira parte), e é claro que quem mais deve colaborar nisso é quem mais pode.

Amadíssimos irmãos e filhos: trabalhai para vossa elevação humana. Toda a volta anual da Quaresma, no ro-nai-vos cada vez mais dignos no molí-zio do Ano Litúrgico, nos leva na-e no religioso, não abrigueis sentimentalmente a meditar sobre o sentido tos de ódio ou de violência, mas olhai para o bom Senhor de todos, que cada um dá a recompensa que se merece.

A Igreja está convosco e anima-vos a viver vossa condição de filhos de Deus, unidos a Cristo, sob o olhar de Maria Nossa Mãe Santíssima.

"in minimis veritas"

Tristão de Athayde



A volta anual da Quaresma, no ro-nai-vos cada vez mais dignos no molí-zio do Ano Litúrgico, nos leva na-e no religioso, não abrigueis sentimentalmente a meditar sobre o sentido tos de ódio ou de violência, mas olhai para o bom Senhor de todos, que cada um dá a recompensa que se merece. A Igreja está convosco e anima-vos a viver vossa condição de filhos de Deus, unidos a Cristo, sob o olhar de Maria Nossa Mãe Santíssima.

Ora, no ano em que se realiza, em Puebla, uma assembléia espiritual que

visou, precisamente, traçar rumos para uma evangelização mais autêntica do nosso continente e, por extensão, da humanidade em geral, neste fim de século, nada de mais natural do que tomarmos as palavras pronunciadas pelo Papa João Paulo II, em sua primeira alocução, ao pisar e beijar o solo americano, em S. Domingos, como tema para esta meditação de cada um de nós, como membros do

Povo de Deus. Essas palavras foram tão importantes, que podemos reduzi-las, fielmente, a um verdadeiro decálogo. A premissa desse decálogo, nas palavras textuais do Pontífice (salvo os meus eventuais comentários), foi **Fazer este mundo mais justo**, o que significa, entre outras coisas:

1. **"Esforça-se para que não haja crianças sem nutrição suficiente, sem educação, sem instrução, nem jovens sem a preparação conveniente"**.

Conta-se que uma jovem mãe perguntou, ao seu confessor, quando devia começar a educação do seu primogênito. "Desde o primeiro dia em que ele nasceu". A evangelização começa do berço. E foi aos berços, às crianças e aos adolescentes, que João Paulo II se dirigiu, antes de tudo. Como podem ser levados milhões desses prediletos de Cristo a viverem futuramente a Sua mensagem, quando passam a infância

sem leite, sem pão, sem teto, sem roupas decentes, sem possibilidade, nas favelas e nos cortiços, de receber educação, instrução ou preparação conveniente? Para ir às almas é preciso passar pelos corpos. Essa a primeira advertência desse decálogo da evangelização dos povos da nossa América Latina, em 1979.

2. **"Que não haja camponeses sem terra para viverem e se desenvolverem dignamente"**.

Um dos fenômenos mais universais da civilização consumista e tecnológica, em que vivemos, é o êxodo do campo em direção às cidades. Por que não vão esse êxodo? Porque estas não oferecem esse êxodo? Porque estas não oferecem a uma exigência da própria natureza humana. É um reconhecimento realista de que uma economia, baseada na sucateamento do campo, tão pouco, lhes oferece terra própria para a cultivarem. Quando apelamos, para uma reforma agrária, somos logo taxados de subversivos e comunistas. É a mais pura mensagem cristã que reclama pão e teto para as crianças das cidades, assim como hoje



tos", até de greve, quando não as forcem contra as leis iníquas.

4. **"Que não haja sistemas que permitam a exploração do homem pelo homem ou pelo Estado"**.

A Igreja não patrocina este ou aquele regime político ou econômico, mas não aceita qualquer um. Condena formalmente aqueles que levam a consequências inumanas, seja qual for a sua denominação sociológica. Este decálogo completa admiravelmente a fórmula marxista que condena "a exploração do homem pelo homem", propondo uma fórmula que condena a exploração do homem pelo homem e pelo Estado.

5. **"Que não haja corrupção"**.

Advertência muito adequada a todo regime político fechado e secretista. Mas também aos que se abrem.

6. **"Que não haja quem tenha muito de sobra, enquanto outros, sem culpa, estejam em falta".**

É esse, precisamente, o vírus que levou à decadência do capitalismo e a sua condenação histórica, que já Paulo VI denunciara ao apontar para "os ricos cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres". O regime político e econômico que a Igreja e o bom senso recomendam será aquele que tornar os ricos cada vez menos ricos e os pobres cada vez menos pobres. Não é utopia, é dever moral, político e econômico. E até teológico, se não considerarmos a teologia como uma ciência puramente especulativa.

7. **"Que não haja tanta família mal constituída, desfeita, desunida ou insuficientemente atendida".**

O primeiro desses males atinge, de modo preeminente, a chamada alta so-

ciedade burguesa. O segundo, isto é, Evangelizar é, antes de tudo, fazer o atendimento insuficiente, afetando a justiça, econômica e política. Os róticos famílias proletárias ou necessitados estão desmoralizados. Como o da As desordens morais e econômicas, a mesma "civilização ocidental e cristã". famílias, na vida contemporânea, atingem sobretudo os extremos da escala social, as que têm de sobra e as que têm de menos.

8. **"Que não haja injustiça e desigualdade na repartição da justiça. Que não haja ninguém sem o direito de fazer a lei e que haja amplos meios para todos por igual".**

É hoje corrente o humor negro de praticar os bons regimes e eliminar a fórmula "todos são iguais perante a lei ou maus. A Igreja não é teocrática. lei, mas uns são mais iguais do que outros". Ou então aquele das prisões políticas ou econômicas nem aliada "onde não se vê ninguém de fora uma classe social. Hoje se volta essa face da "justiça" dos pobres e das classes sociais iníquas. E nesses sistemas, tegidos, é outro sinal do anticristianismo que sejam, condena suas mo de uma sociedade que se diz onsequências anti-humanas. Isso não

"Que não prevaleça a força sobre a verdade e o direito e sim a verdade e o direito sobre a força".

é usurpar funções do Estado e sim cumprir sua própria função de defesa das liberdades e dos direitos humanos. Só reivindica o território da verdade e do direito e o distingue dos da força e da violência.

10. **"Que não prevaleça jamais o político e o econômico sobre o humano".**

Esse o autêntico humanismo que liberta o ser humano das servidões que o impedem de procurar "ser o que ele é", segundo a velha sentença tomista. Humanismo moral, humanismo econômico, humanismo político, humanismo total. É o que prega a mensagem de Cristo, tão admiravelmente sintetizada nesse decálogo. Querer impedir essa dimensão e essa intervenção social da Igreja e dos fiéis, sob pretexto de purismo espiritual, é farisaísmo e traição da verdade. É "olhar para trás" (Luc. 9, 62).

quanto mais negra é a noite...

D. Helder Câmara

A IGREJA HOJE

Fundamentalmente, a Igreja é a mesma, porque no seu fundador ela é divina. Agora, ela é entregue à nossa fraqueza humana. E o que houve de fundamental nesses anos, além das encíclicas papais que já vinham alertando, além das várias experiências que foram ocorrendo, como, por exemplo, o movimento litúrgico, o movimento da ação católica, foi a grande revolução — emprego esta palavra no seu melhor sentido — foi a surpresa de Deus com a chegada de João XXIII e o Vaticano II. Em menos de cinco anos, o Santo Papa João XXIII acelerou uma extraordinária mudança na Igreja. Sobre tudo nesta linha de fazer com que cada vez mais a Igreja prefira servir a ser servida. Esta para mim é uma das

marcas essenciais. É a Igreja que pretende, que deseja ser, que precisa servir a todos, mas especialmente dos pequenos, dos humildes, dos oprimidos que hoje são dois terços da humanidade.

A MARCHA DA IGREJA

— Não tenho receio quanto à marcha da Igreja porque, apesar de ser entregue às nossas fraquezas humanas, ela é de Cristo. E é conduzida pelo Espírito Santo. Participo plenamente da visão de João XXIII: para mim a Igreja está vivendo uma hora de primavera. E cito vários exemplos:

— Primeiro, pelo aspecto litúrgico. Já pensou o que é a gente celebrar

*...nancaram-me
...ramo de oliveira,
...ação de meu vôo...
...niseram impingir-me
...ntro ramo
...prendo-paz.
...descobri,
...meio ao dilúvio
...ódio e de guerra
...maré crescente,
...minorias que cultivam
...riveras de verdade,
...ambolos fiéis
...paz verdadeira...*

+ Helder Câmara

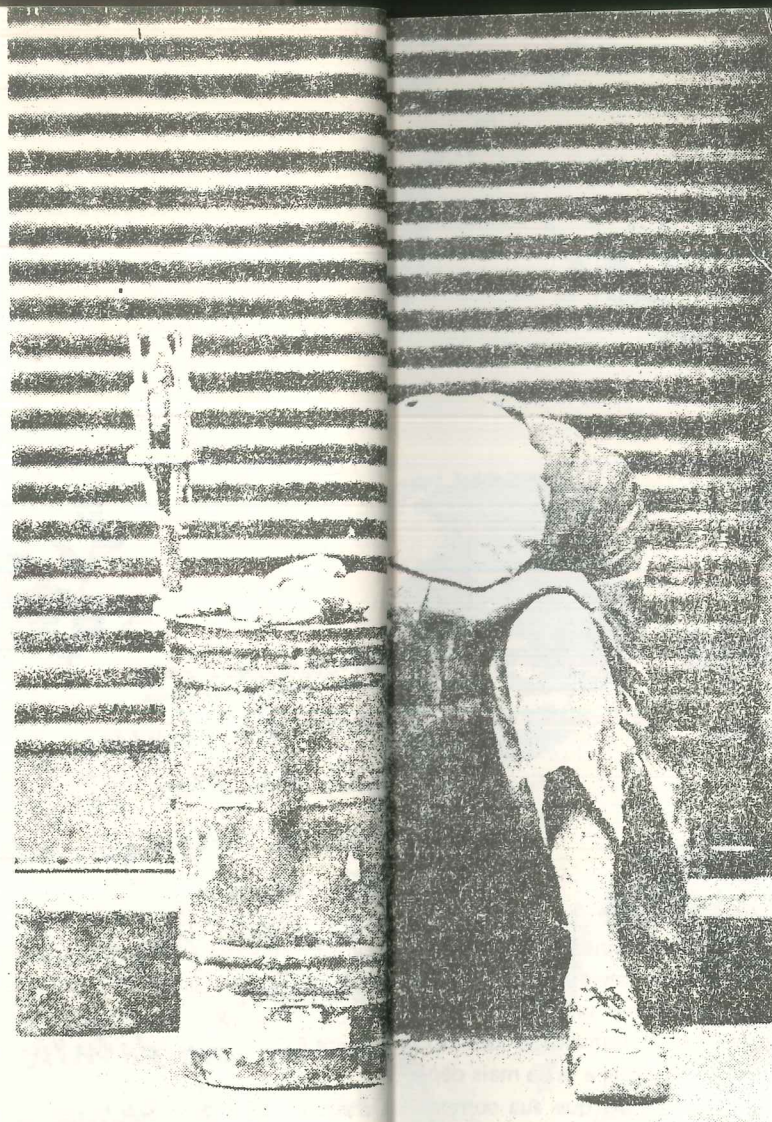


língua do povo, o povo participando da Missa? Isso é importantíssimo porque a Eucaristia é o centro da vida. Então, vai haver consequência. Depois, sinto cada vez mais, e isto se acentuou particularmente no Vaticano II, está a visão de que Deus falou e a palavra que Deus disse está na Bíblia. Por isso é que a Bíblia, durante muito tempo enfrentou uma atitude receosa da parte da Igreja Católica, porque os nossos irmãos evangélicos se abraçaram a ela. Hoje, cada vez mais nós amamos a Bíblia; mas para nós Deus é um Deus vivo, é um Deus que falou e continua falando. A palavra que ele disse está na Bíblia e a palavra que Ele continua a dizer está nos acontecimentos. Para citar um exemplo concreto: lemos na Bíblia que, quando o Seu povo era oprimido pelos faraós do Egito, Deus ouviu o seu clamor.

— Ora nessa hora em que as Nações Unidas proclamam a necessidade de uma nova ordem econômica internacional, porque 3/4 partes da humanidade estão numa posição indigna do ser humano, nesta hora em que há tanta opressão, tanto esmagamento no mundo inteiro, Deus vai deixar de ouvir o clamor do Seu povo?

O MISTÉRIO DA CRIAÇÃO

— A criação por exemplo: seria tão fácil ao Criador e Pai realizar a criação de uma vez por todas; realizar um trabalho perfeito, acabado. Ele apenas começou a evolução criadora e quando surge o homem, faz com que ele participe da inteligência, da liberdade, que são dons divinos. O homem participa da natureza divina, do poder criador de Deus; o homem é co-criador, o ho-



mem está encarregado de vencer a tarefa e completar a criação.

Também quando chega o Filho. Isto é apaixonante, viver no tempo de Deus e se faz homem para libertar o homem do pecado e das consequências do pecado, do egoísmo e das consequências do egoísmo. Teria sido mais apaixonante para Cristo libertar de uma vez o homem; mas apenas começou a libertar o homem de Patrocínio, de Joaquim Natá-lo. Ele nos quer como co-libertados, querendo sobre os nossos irmãos ne-

grôs, e aqueles abolicionistas loucos, se batendo para libertar os escravos.

— Ora, só não existe escravidão oficial, mas de fato está aí a opressão caindo sobre o mundo — não só sobre o nosso país ou sobre a América Latina, mas sobre a humanidade. O trabalho que temos de empreender é ciclópico, primeiro porque não pode ser feito apenas num país, nem pode ser feito apenas pelos cristãos. Temos de contar com todos aqueles que crêem em Deus, que temem a Deus, o Pai de todos nós, e até mesmo com pessoas de boa vontade, que de maneira sincera amem a criatura humana e desejem realmente um mundo mais justo, mais humano, mais respirável.

QUANTO MAIS NEGRA É A NOITE...

— Graças a Deus nós não somos obrigados ao êxito, Deus não exige vitórias. Ele exige trabalho, Ele exige esforço. O êxito, a vitória, não depende de nós, graças a Deus. Reparem que muitas vezes quando a gente pensa que o fracasso é total, estamos às vésperas de uma vitória. Na Sexta-Feira Santa, depois de ter pregado como nunca homem nenhum pregou, depois de ter realizado prodígios admiráveis, quando o esbofetearam, escarraram-lhe no rosto, carregou aquela cruz pesada, caiu três vezes no caminho e ficou três horas na cruz recebendo insultos, nu diante da multidão, quando expira é colocado morto nos braços de Nossa Senhora e é enterrado, parecia o fim de tudo. No entanto, quando mais negra é a noite, mais podemos ter certeza de que já carrega em si a madrugada.

De uma entrevista a
Divane Carvalho, repórter da Sucursal
do JORNAL DO BRASIL em Recife.

a mulher de hoje

Maria Carrizosa de Umaña

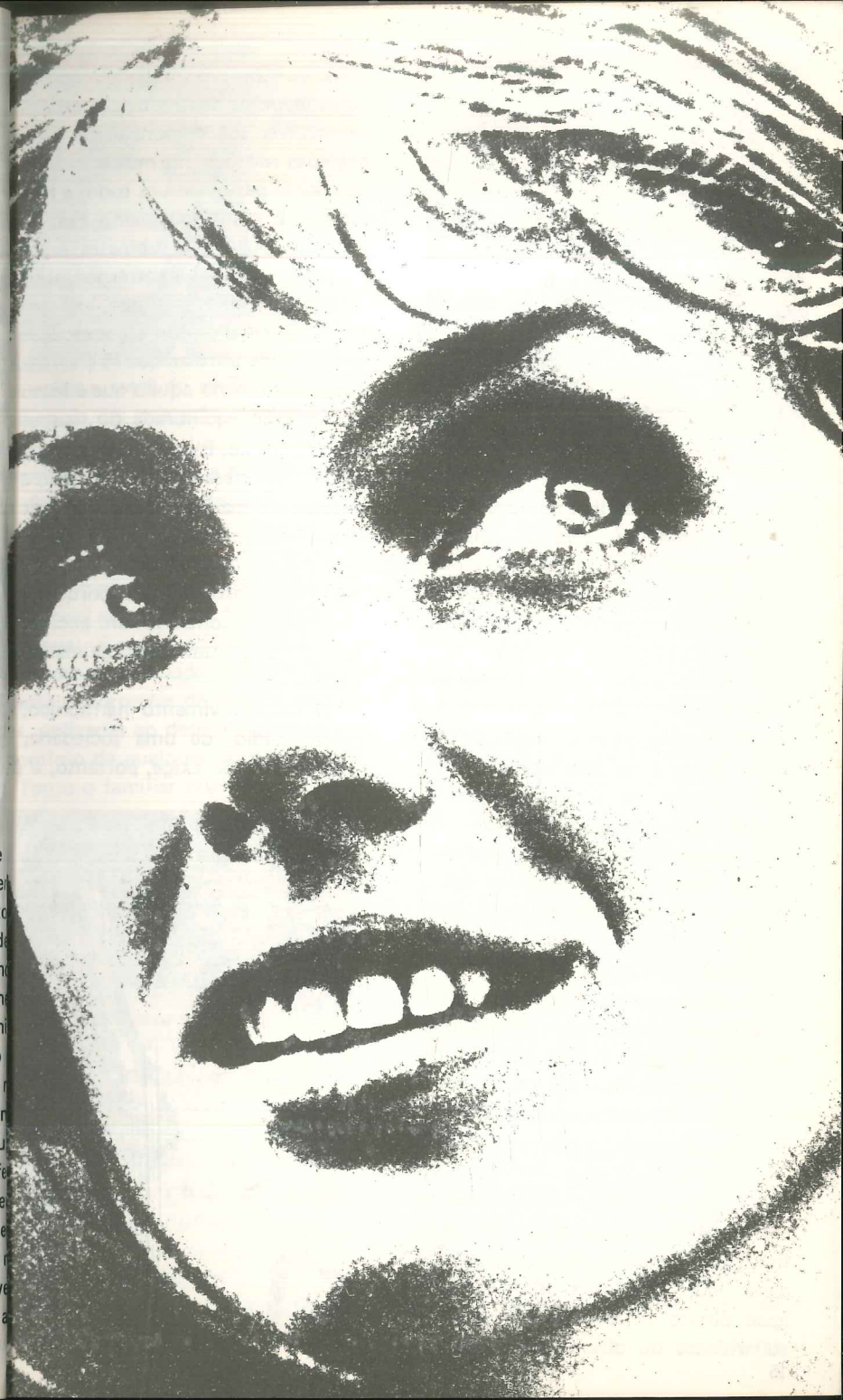
O papel da mulher hoje, sua promoção ou liberalização, como se quiser chamá-lo, é um problema complexo. Grande número de mulheres toma consciência desta realidade, e as que têm consciência de toda a complexidade do problema são as mais indicadas para tentar resolvê-lo. Outras, muito numerosas, não se apercebem dessa complexidade e são manejadas pela situação, sendo por ela maltratadas.

A que se deve essa complexidade? Deve-se a que a mulher se está descobrindo em toda a sua dimensão. As circunstâncias históricas e o processo de desenvolvimento da humanidade lhe estão pedindo para agir de acordo com esta dimensão. Até pouco tempo atrás,

devido a fenômenos históricos e culturais, só se havia pedido à mulher desenvolver um único aspecto de sua vocação humana: o aspecto de esposa e mãe, que a fazia mais dependente do varão do que sua companhia.

Não nos esqueçamos de que a história é um processo. Um processo caminha do imperfeito para o perfeito. Nas etapas do desenvolvimento histórico, a mulher acreditou que esta sua única missão e então fez que lhe parecia dever fazer. E na sociedade lhe pedia coisa diferente.

Hoje, no entanto, dentro deste mesmo processo, ela descobre que deve fazer algo mais e percebe que também a sociedade lhe pede isto.





Para podermos compreender a missão, a posição da mulher na nova e ampla dimensão em que vivemos, é necessário que tomemos consciência do que é, realmente, o casal humano. Isto é, que levemos em conta a bipolaridade sexual da humanidade.

Homem e mulher são dois integrantes da espécie humana; iguais mas diferentes, com a mesma missão de povoar a terra e de submetê-la. Iguais como pessoas, mas diferentes em suas peculiaridades. Peculiaridades que fazem com que um seja homem e outro, mulher. Quer dizer, seres sexuados. Isto significa que são seres iguais, dentro da diversidade. É o que se chama, hoje alteridade.

Realidade antropológica que, para os que creem, é também bíblica, porque parte da Palavra Revelada: "Criou Deus o homem. À imagem de Deus o criou. E criou-o homem e mulher. . . povoem a terra e submetam-na".

Desse modo, homem e mulher são iguais, não idênticos, não justapostos, mas casal, com igual dignidade, igual fim, igual liberdade, igual responsabilidade, igual direito às oportunidades, igual direito ao respeito por suas peculiaridades ou diversidades, igual di-

reito para seguir livremente sua vocação e alcançar seu fim dentro do plano do Criador e, dentro desses critérios, desenvolver sua personalidade e assumir suas missões em mútua colaboração como partes de um todo: a humanidade. E como igualmente responsáveis por povoar e submeter a terra.

É tão essencial a corresponsabilidade de dos dois sexos — o que, logicamente, supõe colaboração e coexecução — que se pode afirmar que só é verdadeiramente humano aquilo que é fruto da colaboração equilibrada do masculino e do feminino. E isto de tal modo equilibradamente, suas características quando se altera essa colaboração sexual que tornam a atividade de excesso de masculinidade e déficit de feminilidade, o resultado é a sociedade humana na qual vivemos; e a família, vários aspectos da vocação humana destruída, desorganizada porque são o homem e da mulher podem o fenômeno contrário: um excessivizar-se em dois: o familiar e o feminilidade e um déficit de masculinidade.

O desenvolvimento harmônico, decorrentes de estudos superegual, sadio, de uma sociedade, as, aplicadas ao desenvolvimento e uma civilização exige, portanto, a domínio de qualquer nível da criação. Tanto o familiar quanto o profissional correspondem à sua missão criadora: "povoai a terra e dominai-a".

Até hoje o homem exerceu, quase apenas exclusivamente, o aspecto profissional de sua vocação, percebendo o aspecto familiar reduzindo a geração e ao cuidado da conservação material do cônjuge e da prole. A mulher, por seu lado, limitou-se a fazer o aspecto familiar, descuidando quase totalmente de sua missão profissional. Ou então, assumiu-a mais como um meio de captação de recursos econômicos para seu lar e não como contribuição obrigatória ao desenvolvimento ou como trabalho necessário à sua plena personalização.

Com aspectos positivos e negativos, sem dúvida, os movimentos



feministas, os primeiros a questionarem esta situação da mulher, fazendo-o, no entanto, sem uma visão completa de sua personalidade e sem compreender o conceito de bipolaridade sexual da humanidade. Por isso, fixaram-se, como metas, igualar a mulher e o homem, em vez de promover a mulher para que ela possa ser, realmente, mulher, mas mulher que age ombro a ombro com o homem. Por isso ainda não perceberam a impossibilidade de se conseguir a libertação do homem, numa perspectiva de complementação.

Isto é, no entanto, eminentemente necessário, tanto para não degenerar no machismo que estamos vivendo, quanto para não se cair no feminismo que se vislumbra.

Por causa dessa falta de visão panorâmica do problema, as mulheres identificam, em geral, sua libertação, com a possibilidade de serem como o homem, o que acarreta desastres irremediáveis, tanto para ele quanto para ela.

Em ser mulher-mulher, está a complexidade, a dificuldade do papel da mulher hoje. Papel complexo porque rico, cheio de facetas e difícil, porque se trata de tornar ativo e operativo aquilo que durante séculos, permaneceu passivo, inerte. Tudo está, portanto, por fazer.

É urgentemente preciso que se note: será impossível à mulher alcançar sua dimensão total de mulher sem que, simultaneamente, o homem, procure chegar à sua plena vivência, como homem.

* Maria Carrizosa de Umaña é colombiana e diretora da revista semanal "Presencia".

a mola mestra que nos move

José e Beatriz Reis



Todo homem é marcado por condicionamentos que influenciam, de modo mais ou menos profundo, sua atitude na vida, seu posicionamento frente de fatos e desafios. Entre esses condicionamentos, situam-se os religiosos que o levam a descobrir e a assumir o sentido da vida e o de sua própria vida.

No entanto, o homem só descobre sua própria identidade e o sentido de sua vida situando-se no meio dos outros, em atitude de escuta, de aceitação e de serviço.

Reconhecendo e aceitando os outros, abre-se o homem normalmente ao Outro (Deus) que se revela a ele no Pai comum, revelando, consequentemente, a fraternidade entre todos os homens.

Percebendo as exigências dessa relação do Senhor, cada homem tenta manifestar sua adesão ou seu rejeição a ela em atitude de vida, em atitudes concretas. E essas serão tanto mais positivas e radicais quanto mais radical for sua experiência pessoal, seu condicionamento pessoal com o Senhor que se revela enquanto o chama a si mesmo na vida, no meio dos irmãos, de modo conseqüente com a revelação recebida.

Espiritualidade cristã é então ser coerente, em cada circunstância, com a revelação recebida, aceitando-a como "modo de viver" como "ponto de referência" de análises e revisões, (correção de órbita) como "desafio" aos compromissos a serem assumidos e como "medida" do amor e da radicalidade com que deverá ser vivida.

Logo, espiritualidade cristã é ao mesmo tempo, algo muito amplo e algo muito exigente:

algo que desce de Deus (sua revelação) e interpela o homem (cada ho-

mem) levando-o a optar, a se transformar na resposta coerente.

Elementos da espiritualidade cristã

Existem elementos, na espiritualidade cristã, que são essenciais e imutáveis, que transcendem as épocas, as culturas e as civilizações e mesmo os problemas concretos. Esses elementos podem, portanto, ser vividos por qualquer tipo de homem, dentro dos mais diversos e até mesmo contraditórios condicionamentos. Por exemplo: um S. Bento, reunindo os monjes do ocidente viveu, no fundo, as mesmas motivações que um S. Tomaz Morus, decapitado por não pactuar com Henrique VIII. Aparentemente, suas opções foram muito diferentes. Ambas porém provinham da mesma necessidade de ser coerente com a revelação recebida e com a necessidade de traduzir sua aceitação em atitudes de vida. Ambos procuraram, com sua atitude, responder a uma necessidade de seu próprio tempo.

Por estarem muito condicionados pelo dualismo, durante longo tempo, os cristãos valorizaram apenas as dimensões espirituais das exigências da revelação do Senhor (ou das exigências evangélicas) e procuraram vivê-las sob um estilo atemporal, descomprometido, desligado do mundo e de seus problemas.

Aceitando no entanto que somos uma unidade, e não espírito e matéria artificialmente unidos, percebemos, ao mesmo tempo, que a revelação do Senhor se dirige a homens concretos, historicamente situados; e que é no meio de todos esses compromissos históricos que somos chamados a viver, do modo mais radical possível, as exigências da paternidade divina e da consequente fraternidade universal.



É por isso que podemos dizer que a revelação do Senhor, em Jesus, como Pai, e a consequente revelação da fraternidade universal constituem, para os cristãos, "as razões profundas de viver", as "motivações essenciais" de suas tomadas de posição na vida, no meio de todos os outros.

Por sua concretude, então, (exigência de atualização em situações vivenciais concretas) a espiritualidade cristã é chamada a encarnar-se, a tentar concretizar-se em determinadas circunstâncias, assumindo problemas e situações concretas que podem variar e de fato variam com o correr do tempo, com o passar das culturas e das civilizações. Assim, por exemplo os primeiros cristãos procuravam solucionar o problema das diferenças sociais colocando seus bens em comum; e um S. Vicente de Paula procurava solucionar esse mesmo problema criando serviços assistenciais. Um santo hoje, talvez, tenha que procurar resolvê-lo assumindo, com os pobres, o trabalho necessário à sua libertação.

Os desafios de hoje

Superando, até certo ponto, o dualismo que durante séculos condicionou os cristãos, percebemos hoje ser essencial que o elemento definitivo da espiritualidade cristã (revelação do Senhor



e resposta do homem), se encarna em situações muitas vezes pobres, penosas, limitadas e provisórias que em determinado momento, o homem escuta do Senhor que se revela o homem que deve responder.

Sem essa encarnação em situações concretas a espiritualidade cristã, hoje, fuga, alienação, narcisismo, torna-se desvinculado da vida. Esse cristão percebe que os valores propostos por nossa estrutura só

E sem referência às suas motivações culturais (capitalista) são frontais e profundas de viver, essa encarnação é contrária aos valores propostos. Poderia transformar-se, para o cristão pelo evangelho? Com efeito, em pragmatismo, em oportunismo, isto explicita a revelação da pa-

oportunidade de Deus e da fraternidade universal, o mundo de hoje se estrutura para dominar e oprimir grande número dessas duas solicitações (vida de homens e de povos em proveito de um elemento imutável encarnando-se em alguns poucos.

situações históricas e concretas). Compreende que as exigências evangelho é chamado a descobrir, mas são muito abrangentes? Que ele mesmo, esse equilíbrio, à revelação interpelam, não apenas cada pessoa constantemente, fazendo as coisas em particular, mas o mundo dos de órbita que lhe sejam necessárias, suas comunidades de vida, as

Isto nos faz compreender a necessidade de recebermos a revelação para garantia da execução de mental do Senhor com o coração e projetos de vida?

pre renovado em atitude de escuta, tomando consciência desses problemas, com a consequente decisão, esse cristão há de procurar não deixar de converter-nos a ela diariamente denunciá-los, mas descobrir e dia, hora após hora. Pois, como anunciar suas raízes profundas em Paulo VI, a revelação do Senhor anuncia, ao mesmo tempo, interpela, muitas vezes. "Com vosso tipo de relacionamento e exigências novas".

O cristão de hoje é chamado a um novo tipo de civilização que Paulo VI denominava "civilização do

zões profundas de viver. Nisto, a espiritualidade não se diferencia das outras épocas ou de outras culturas.



chamado, no entanto, a concretizar essas motivações no meio dos desafios dos problemas, das esperanças, angústias e dos anseios do mundo hoje.

Este cristão percebe que os valores propostos por nossa estrutura só cultural (capitalista) são frontais e profundas de viver, essa encarnação é contrária aos valores propostos. Poderia transformar-se, para o cristão pelo evangelho? Com efeito, em pragmatismo, em oportunismo, isto explicita a revelação da pa-

oportunidade de Deus e da fraternidade universal, o mundo de hoje se estrutura para dominar e oprimir grande número dessas duas solicitações (vida de homens e de povos em proveito de um elemento imutável encarnando-se em alguns poucos.

situações históricas e concretas). Compreende que as exigências evangelho é chamado a descobrir, mas são muito abrangentes? Que ele mesmo, esse equilíbrio, à revelação interpelam, não apenas cada pessoa constantemente, fazendo as coisas em particular, mas o mundo dos de órbita que lhe sejam necessárias, suas comunidades de vida, as

Isto nos faz compreender a necessidade de recebermos a revelação para garantia da execução de mental do Senhor com o coração e projetos de vida?

pre renovado em atitude de escuta, tomando consciência desses problemas, com a consequente decisão, esse cristão há de procurar não deixar de converter-nos a ela diariamente denunciá-los, mas descobrir e dia, hora após hora. Pois, como anunciar suas raízes profundas em Paulo VI, a revelação do Senhor anuncia, ao mesmo tempo, interpela, muitas vezes. "Com vosso tipo de relacionamento e exigências novas".

O cristão de hoje é chamado a um novo tipo de civilização que Paulo VI denominava "civilização do

zões profundas de viver. Nisto, a espiritualidade não se diferencia das outras épocas ou de outras culturas.



tã, o latino-americano, hoje, faz clara opção pelos pobres e oprimidos e procura assumir, junto com eles, compromissos sociais e políticos, que possibilitem construir um mundo em que os homens possam viver como irmãos.

Surgem então, por toda a parte, pequenas comunidades de cristãos mais ou menos conscientes, mais ou menos comprometidos, que procuram servir os irmãos na própria medida em que se deixaram interpelar e desinstalar pela revelação do Senhor. Vivem assim, de modo novo, a espiritualidade de sempre. Esse novo modo de viver a espiritualidade exige do cristão, hoje:

- **grande capacidade criativa**, capacidade de descobrir respostas novas para interpelações novas;
- **grande dose de consciência crítica**, para assumir, nos momentos exatos, os compromissos exatos;
- **grande lealdade**, para não fazer, do evangelho instrumento a serviço de ideologias dominantes;
- **grande totalidade**, para perceber que não se trata de optar por uma entre duas espiritualidades ditas cristãs, mas de tentar concretizar as mesmas motivações fundamentais, sem deturpá-las ou traí-las;

- grande generosidade, para ser capaz de encarnar, em situações históricas, provisórias e limitadas, a doação total, exigida pela revelação do Senhor.

Por tudo isso, podemos compreender que viver como cristão consiste em ser coerente, em cada circunstância, com a revelação recebida (Deus como Pai e os homens como irmãos) aceitando-a como razão de viver, ponto de referência, desafio, medida do amor e da radicalidade que deverão caracterizar nossa opção de nos colocar a serviço dos irmãos. Na América Latina e no Brasil de hoje esse serviço possui características próprias, descobertas pela Teologia da Libertação.

Algumas advertências oportunas

É importante que não nos esqueçamos, no entanto, de que:

- “sem deixar de se comprometer concretamente, no serviço dos irmãos, o cristão deve procurar afirmar, no âmago mesmo de suas opções, aquilo que é específico da contribuição cristã, para uma transformação positiva da sociedade”. (O.A.36)

- “uma mesma fé cristã pode levar a assumir compromissos diferentes”. (O.A.50)

- “na diversidade das situações, das funções e das organizações, cada um deve individuar sua própria responsabilidade e discernir, em consciência, as ações nas quais está chamado a participar”. (O.A.49)

- “a política é uma maneira expressa bem que não seja a única — de fazer o compromisso cristão, ao servir outros. Sem resolver todos os problemas, naturalmente, a mesma política esforça-se por fornecer soluções às relações dos homens entre si. O domínio é vasto e abrange muitas coisas; não é, porém exclusivo”.

- “é uma atitude exorbitante que tendessem fazer da política algo de absoluto; tornar-se-ia um exclusivismo grave. Reconhecendo muito em favor da autonomia da realidade política, não se-ão os cristãos solicitados a trazerem na ação política por uma coerência entre as suas opções ao evangelho e, dentro de um leque pluralismo, por dar um testemunho pessoal e coletivo, da seriedade da fé mediante um serviço eficaz e interessado aos homens”. (O.A.46)

Parece-nos oportuno colocar as “motivações fundamentais da fé cristã” porque “a mentalidade que domina hoje induz a outorgar o compromisso absoluto ao compromisso político em detrimento do compromisso pessoal, negando, a este último, verdadeira eficácia em relação à transformação da sociedade. É preciso revalorizar o compromisso pelo crescimento da comunidade cristã, na fé e no testemunho da vida, proclamando claramente o sobrenatural do homem e ajudando os cristãos a descobrir os valores exclusivos políticos, que a vivência consequente do cristianismo explicita o benefício de uma convivência humana. O fermento das estruturas sócio-políticas do estado pagão por si mesmo, testemunho eloquente do que afirmamos”. (Paulo VI).

sexualidade e fé

Pe. Marcos Bach

Detalhes dos templos eróticos
Ajuaro — Índia.

no começo de conversa, é bom notar as coisas:

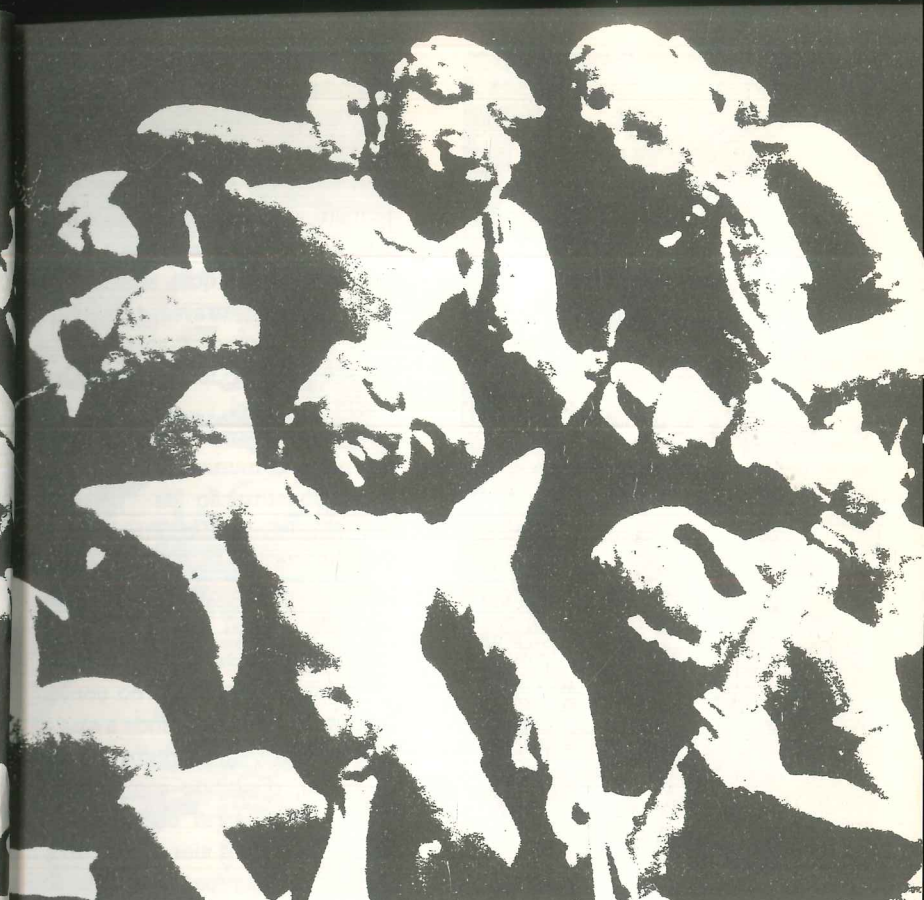
Sexualidade e sexo não são a mesma coisa;

Sexualidade não é apenas propriedade característica corporal.

A função do sexo visa a objetivos lógicos, ao passo que a sexualidade humana visa antes de tudo a objetivos de ordem pessoal. A natureza da sexualidade é, portanto, essencialmente

de ordem espiritual e o exercício da sexualidade se traduz especificamente no ato de comunhão, no ato pelo qual homem e mulher se relacionam de forma análoga ao desenvolvimento existente no seio da vida divina intertrinitária.

A diferenciação sexual não só atinge de forma indireta a dimensão espiritual da pessoa, mas até tem nela a sua origem. Não é o animal que explica o



vago de uma piedade inofensiva; ou que encara a sexualidade, partindo de um voto sistemático de desconfiança, definindo a abstinência sexual como condição privilegiada para um relacionamento religioso mais profundo e autêntico.

A ruptura com este lastro de representações ultrapassadas é imprescindível para uma abordagem correta da questão em foco.

Torna-se necessária não apenas uma reformulação de conceitos, mas uma reestruturação radical da consciência, tanto no plano individual como no plano coletivo. Isto supõe uma espécie de desmarginalização da sexualidade,

envolvendo um processo de despersonalização da mesma.

De outro lado, torna-se indispensável o desenvolvimento sexual e por vel uma relativa despersonalização seguinte a realização integral das potencialidades sexuais se concretiza. Por despersonalização entende-se aqui um processo de comunitarização, isto é, integração da unidade conjugal em

idades mais amplas, capazes de oferecer um campo mais vasto à expansão das potencialidades sexuais. Isso supõe um processo de ultrapassagem dos limites bio-eróticos e da esfera estritamente doméstica. Supõe igualmente a realização do convívio conjugal e uma perspectiva exageradamente social maior.

DESPÓS PLANOS

plano individual:

A sexualidade está a serviço do indivíduo. Antes de mais nada somos nós os grandes beneficiários do desenvolvimento sexual. A sexualidade termina por inverter a ordem das coisas. A moral socialista es-

conde sob a capa de uma impressionante austeridade puritana uma das piores distorções a que se pode submeter a dinâmica da sexualidade humana. Colocando o trabalho em primeiro plano acaba-se por marginalizar a sexualidade. O mesmo ocorre com todos os sistemas morais repressivos da sexualidade. Atividade sexual pertence essencialmente ao campo do lazer. A renúncia sexual não tem caráter prioritário, mas tão somente subsidiário. Justifica-se em vista do uso melhor, como forma de acumulação racional de energias, já que estas são limitadas e seu emprego necessita de planejamento racional.



No plano conjugal:

É próprio da sexualidade estar a serviço de um outro, mais que a serviço da própria realização. Só se realiza quem se põe totalmente, integralmente e definitivamente a serviço da realização de um outro. Todo projeto de realização sexual deve visar em primeiro lugar à realização sexual do parceiro. Ser feliz só é possível fazendo alguém feliz. Se a concepção socializante peca por exagero do fator "altruísta", a concepção "liberalizante", individualista e possessiva em demasia, peca por falta de integração comunitária. A realização da unidade conjugal é uma tarefa eminentemente comunitária, concebida em termos de colaboração e não de repartição de fun-

ções, tarefas e papéis, como está tecendo em nossa sociedade, feitas devidas exceções. A tarefa de conter e manter a unidade conjugal incumbe por igual, em sua totalidade, tanto ao homem quanto à mulher, em termos de estrita responsabilidade global. Enquanto cada qual espera encontrar a felicidade e através dela sua realização, há pouca esperança de melhoria substancial no terreno do relacionamento conjugal.

No plano comunitário:

A constituição da "pessoa conjugal" ainda não é o último passo dado neste terreno. Resta um terceiro passo que é a integração da pessoa com o corpo social. Ou melhor, na comunidade. O convívio conjugal, quando autêntico, desemboca no convívio comunitário. Não se atende a essa exigência inscrevendo-se numa comunidade religiosa, dividindo com outros momentos alegres ou tristes da vida praticando com eles exercícios e celebrações religiosas. Algo de substancialmente diferente deve acontecer para que se possa falar, com justiça, de integração comunitária. Há muitos véus a encobrir as maravilhas que a graça de Deus realiza através e por meio do convívio conjugal. Esses véus podem permanecer eternamente encobertos. É preciso correr as cortinas para que se possa revelar-se. É preciso que o casal revele, a quem tem condições de compreender, o mistério de Deus que envolve como nuvem luminosa seu convívio. A vergonha, a folhagem parreira da qual ainda não conseguimos libertar-nos depois de tantos séculos, representa um dos maiores obstáculos opostos à eficácia do testemunho cristão. Enquanto confundimos a falta de vergonha com espontaneidade,



e vice-versa, continuaremos a marcar passo e ficamos devendo em matéria de progresso sexual às sociedades por nós tidas como primitivas e ultrapassadas. Enquanto a mulher indígena encontrou a solução "ideal" para o problema do planejamento familiar, nossos casais, que se têm em conta de supercivilizados, ainda recorrem a métodos ridiculamente primitivos. A posse tranqüila da própria sexualidade é algo que está longe de fazer parte integrante do nosso acervo cultural. No dia em que tivermos à disposição do planejamento racional da família meios e métodos que não firam a dignidade da pessoa humana, meio caminho estará feito. No dia em que descobrirmos a comunidade, suas riquezas e promessas de plenitude, teremos dado o passo final.

O cristianismo não é a rigor uma religião, ou uma religião entre muitas outras. É simplesmente a chave para a solução final de todo e qualquer problema humano. É a promessa definitiva de Deus dada em resposta às aspirações mais legítimas e profundas do ser humano. Salvação é isto aí. É no tempo e no espaço, que confinam as nossas existências, que devemos e podemos atingir a resposta última a todas as questões que a fé e a razão forem capazes de nos por, a todas as aspirações e desejos genuinamente humanos, que formos capazes de formular. A todas as expectativas que vierem a brotar em nosso íntimo, por mais arrojadas e audazes que pareçam. Deus não põe no homem nenhum desejo, não desperta nele aspiração alguma, não acorda em seu íntimo movimento algum, que não esteja disposto a satisfazer plenamente na eternidade e parcialmente, ao menos, no decurso da nossa existência temporal.

inversão do relato da criação

Jorg Zink

Tradução livre.

No princípio Deus criou o céu e a terra.

Depois de muitos milhões de anos, o homem criou coragem

e resolveu assumir o comando do mundo e do futuro.

Então começaram os sete últimos dias da história.

Na manhã do primeiro dia,
o homem resolveu ser livre e belo,
bom e feliz.

Resolveu não ser mais a imagem de um Deus

mas ser simplesmente homem.

E como devia acreditar em alguma coisa,

acreditou em liberdade e felicidade
em bolsa de valores e em progresso,
em planejamento e desenvolvimento
e especialmente em segurança.

Sim, a segurança era a base.

Disparou satélites perscrutadores
e preparou foguetes carregados de
bombas atômicas.

E foi a tarde e a manhã do primeiro dia.

No segundo dia dos últimos tempos,
morreram os peixes dos rios
poluídos pelos dejetos industriais;
morreram os peixes do mar
pelo vazamento dos grandes petroleiros
e pelo depósito do fundo dos oceanos:
os depósitos eram radiativos,
morreram os pássaros no céu
impregnado de gases venenosos
— inversão térmica —

morreram os animais que atravessavam
incautos

as grandes auto-estradas,
envenenados pelas descargas plúmbeas
do trânsito infernal.

Mas morreram também os cachorrinhos de estimação pelo excesso de tintas que avermelhavam as lingüiças.

E foi a tarde e a manhã do segundo dia.

No terceiro dia, secaram o capim nos cerrados, a folhagem nas árvores o musgo nos rochedos e as flores nos jardins. Porque o homem resolveu controlar as estações segundo um plano bem exato. Só que houve um pequeno erro no computador da chuva, e até que descobrissem o defeito, secaram-se os mananciais e os barcos que singravam os rios festivos encalharam nos leitos ressequidos.

E foi a tarde e a manhã do terceiro dia.

No quarto dia, morreram 4 dos 5 bilhões de homens: uns contaminados por vírus cultivados em provetas eruditas, outros por esquecimento imperdoável de fechar os depósitos bacteriológicos, preparados para a guerra seguinte; outros ainda morreram de fome porque alguém não se lembrava mais onde escondera as chaves dos depósitos de cereais. E amaldiçoaram a Deus: se Ele era bom porque permitia tantos males?!

E foi a tarde e a manhã do quarto dia.

No quinto dia, os últimos homens resolveram acionar o botão vermelho, porque se sentiam ameaçados. O fogo envolveu o planeta

as montanhas fumegaram, os mares evaporaram. Nas cidades, os esqueletos de coelho armado ficaram negros, lançando fumaça por órbitas abertas. E os anjos do céu assistiram espantados como o planeta azul tomou a cor do fogo, depois cobriu-se de um marron e finalmente ficou cor de cinza. Eles interromperam os seus trabalhos durante dez minutos.

E foi a tarde e a manhã do quinto dia.

No sexto dia, apagou-se a luz: poeira e cinza encobriram o sol, a luz e as estrêlas. E a última barata que tinha escorrido num abrigo antiatômico morreu pelo excesso de calor.

E foi a tarde e a manhã do sexto dia.

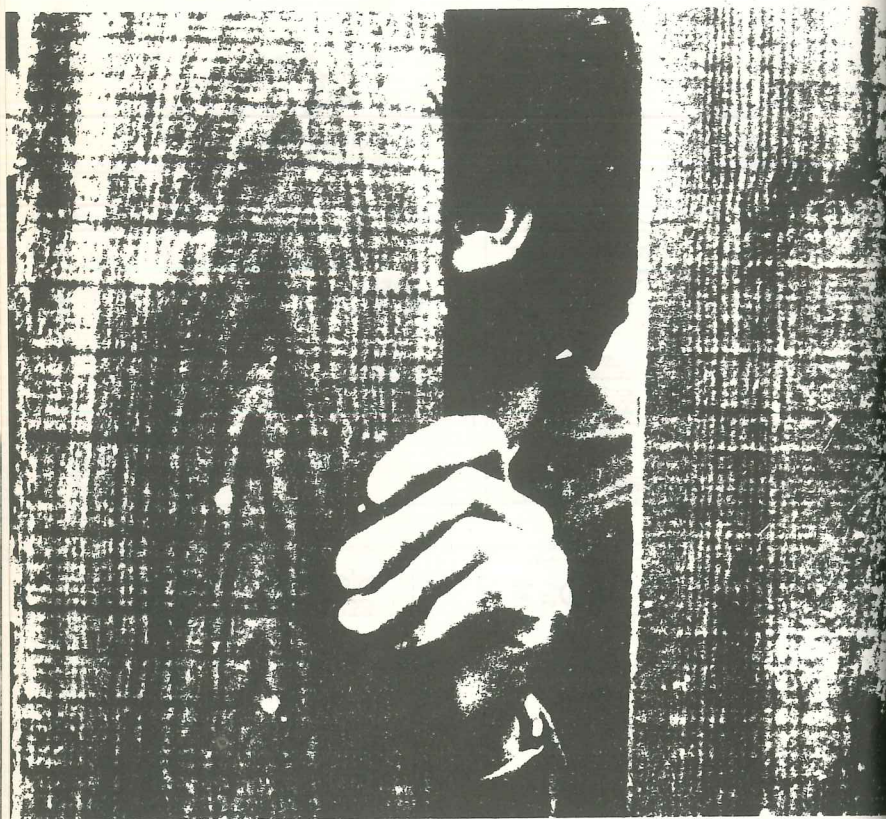
No sétimo dia, havia sossego, até que enfim! A terra estava informe e vazia as trevas cobriam o abismo e o espírito do homem, o fantasma do homem, pairava sobre o caos. Mas no fundo do inferno comentava-se a história fascinante do homem que assumira os comandos do mundo, e gargalhadas estrondosas, ecoaram até os coros dos anjos.

Meus Senhores, nada impede que o homem vá para o fim de suas possibilidades; mas resta ainda uma esperança: que o mundo e com ele o homem estejam nas mãos de um Outro.

RANGO

gar vasques





«quem sabe faz a hora»

Selma e Helio A



erro fundamental que hoje se vê na formulação de uma política de desenvolvimento é o afastamento do povo do processo de escolha dos meios a serem adotados. Por isso, cheiram sempre a hipocrisias pronunciamentos que apregoam o homem o centro do desenvolvimento. E esta é a intenção dos tecnocratas traçam os caminhos que devemos

seguir, só nos cabe suspeitar de sua sensibilidade às aspirações populares — ou duvidar de sua competência.

Ora, se se estabelece um modelo de desenvolvimento que não responde às autênticas aspirações do povo, o descontentamento é inevitável.

Esse descontentamento é a causa lógica de tensões sociais que levam os detentores do poder a lançar mão dos conhecimentos e nada simpáticos me-

canismos de controle e intimidação, para que não seja contestado o modelo adotado para o desenvolvimento da nação.

Os resultados não poderiam ser outros: revolta ou desalento, radicalizações ou alienação. E o povo à margem dos acontecimentos.

Seria preciso que as classes dirigentes compreendessem, de uma vez por todas, que o desenvolvimento só pode estar centrado no homem se o povo não é apenas objeto mas sujeito do processo, e da escolha dos caminhos.

Isto supõe que se atendam as legítimas aspirações de igualdade e participação do homem do nosso tempo.

Se os homens são discriminados conforme seu nível sócio-econômico-cultural, se são julgados incapazes de escolher o seu próprio destino por não saberem manejar escovas de dentes, jamais se realizará um verdadeiro desenvolvimento que vise ao homem todo e a todos os homens.

Este erro fundamental está instalado em muitos países e incorporado tanto nos movimentos históricos de inspiração marxista como nos de inspiração capitalista liberal. Porque no fundo são mais ou menos iguais, por mais que pretendam se apresentar como alternativas antagônicas.

Desenvolvimento pela força

Outro mito atual intolerável é a crença de muitos de que o desenvolvi-

mento de uma nação só se fará através de forças.

Basta uma rápida mirada às vezes como uma espécie de nosso sofrido continente e bondosamente concedido para outros tantos países do terceiro mundo a capacidade de bom comportamento, para se perceber que é um do povo. Mas mantêm-se as saltante a tentativa de desenvolver as que permitam revogar tais condições sob a força das armas e dogmas a qualquer momento em seus usuais de coação, controle e começa a se reacender e irritante são.

Sempre se apregoa astuciosas suas próprias cabeças. que essas fases de implantação cristã tem que cultivar a cora-modelo de desenvolvimento só de denunciar a iniquidade básica são, há de ser fases transitórias dois sistemas que atualmente se curto período durante o qual tentam falsamente como as duas so garantir-se a paz social, as opções para o desenvolvimento a tranquilidade públicas para os povos.

E o tempo passa. O que se os seus modelos de realização prático se eterniza. Porque é ambos se servem do homem para muito tempo para implantar seus objetivos puramente modelo de desenvolvimento cristãos — até desumanizá-lo. as classes privilegiadas, que não sabemos que modelos alternativos aos seus interesses, até o ponto de surgirão. Nem quando poderão ser se tenha razoável certeza de quantos. mais haverá contestações sérias as uma coisa é certa: só a participação ativa do povo sofrido nas decisões — por falta de hábitos — que digam respeito à sua liberdade neutralização da capacidade de tantas formas de opressão a que as vítimas da iniquidade dos sujeitos, poderá produzir resultados desse quadro. razoáveis.

E não se pode esquecer, ainda acima dos interesses das minorias, estão sempre presentes as maiores dos países superpotências envolvidas com os quais se mantêm relações de profundas, corajosas opções de deplorável dependência econômica e cultural. vadoras transformações de estruturas contrárias ao espírito do Evan-

Antes de mais nada, ele percebe que não lhe é permitido manter-se à margem desse exigente processo.

Ser agente dessas transformações é uma consequência lógica da sua Fé. Não é uma opção facultativa.

É isso mesmo: o cristão não tem escolha...

Ou melhor, sua escolha foi anterior: ser ou não ser cristão, responder ou não ao dom gratuito da Fé que Deus lhe ofereceu.

Foi aquele o momento da opção adulta — livre, consciente, responsável.

A partir da aceitação da mensagem evangélica que exige o compromisso efetivo com a justiça e o amor ao próximo, e do mandamento que o fez participante da obra da Criação, o cristão não tem mais o direito de manter-se à margem da História.

É simples questão de coerência.

Já que ele não preferiu ser budista e adotar um deus gordinho, corado e pouco exigente...

Que pode então fazer concretamente o cristão por um verdadeiro desenvolvimento que responda às legítimas aspirações de todos os homens e não apenas às das classes privilegiadas? Que se realize não segundo modelos importados ou elaborados por tecnocratas fechados em confortáveis gabinetes, mas moldados pela vontade dos homens para os quais ele pretende estar voltado?



Ser sujeito do seu destino

Antes de mais nada é preciso desenvolver em nós mesmos e em todos aqueles que podemos atingir com a nossa palavra, a consciência de que somos — ou devemos ser — os sujeitos do nosso próprio destino e do destino da nossa comunidade.

Cabe-nos a iniciativa e não a passividade cômoda. "Quem sabe faz a hora, não espera acontecer".

Seria imperdoável passarmos a vida inteira esperando que nos caísse nos braços uma oportunidade milagrosa de atuação efetiva.

Um dia, tarde demais, perceberíamos que "o tempo passou na janela" e não conseguimos ser mais que frustradas e tristes Carolinas em nossa tranquila e estéril acomodação.

É também missão do cristão lutar, teimosa e corajosamente, contra as estruturas intermediárias

formas de injustiça, desumanas. Por outro lado, o Cristão sabe que é oprimido e opressão contrárias às exigências do Evangelho. É possível responder sozinho a tão grandes compromissos.

Sim, mas às vezes é perigoso. Como colaborar na construção de um mundo mais justo e fraterno entre os homens?

É verdade. Não preveniram os homens, entre grupos e nações sem participação de estruturas sociais intermediárias?

reagiu sempre às preocupações. A ação individual perde em eficácia diante das tendências de seus assustados segredos. A ação mantém vulnerável demais ao desfecho. Conhecemos também os resultados.

sua pregação. Essas estruturas sociais estão de

Ora, o cristão é o que crê e atua abertamente à participação efetiva. Mestre — quaisquer que sejam as condições. Cristão. E se não estiverem, vamos mudar a situação. Ela, mesmo que isto desagrade aos que as mantêm.

Sendo prudente como ele foi, mas jamais confundindo a prudência com atitudes que têm o mesmo caráter oportunista. Por que os Sindicatos e Associações de classe caem tantas vezes nas mãos dos oportunistas? Por que a Escola e a

Universidade se tornaram estruturas alienantes e comportadas, onde não se questiona mais nada? Que saudades dos diretórios acadêmicos e grêmios colegiais, nos quais se formavam a consciência crítica e o sentido de corresponsabilidade na construção de um mundo mais justo.

E se tentarmos analisar em profundidade esse fenômeno, encontraremos associados, na sua origem, a notória repressão do sistema com a melancólica omissão dos Cristãos. Pois o Cristão é justamente aquele que, iluminado pelo Evangelho, mais obrigação terá de compreender a missão que o Criador atribuiu ao homem quando o fez coparticipante de sua obra.

A política

Outro desafio à atuação do Cristão é a participação política efetiva.

É uma das formas mais nobres, embora não a única de viver-se o compromisso Cristão no mundo, a serviço dos irmãos.

Deve ser aceita e assumida mesmo quando leve inexoravelmente ao arriscado exercício da crítica — que os criticados nunca consideram construtiva...

Paulo VI afirmou, com indiscutível lucidez, que "tomar a sério a ação política em todas as suas formas e em todos os seus níveis é afirmar o dever do homem, de todos os homens, de reconhecerem a realidade concreta e o valor da liberdade de escolha" para a realização do bem da cidade, da nação e da humanidade toda.

Para esvaziar a nobreza inerente à ação política, unem-se o comodismo de muitos com o interesse daqueles que se consideram os donos definitivos dos destinos do povo.

A técnica usualmente adotada por estes é o destaque sistemático da desonestidade de alguns políticos e a retirada forçada do cenário daqueles mais corajosos e autênticos contestadores dos sistemas injustos.

Diante do quadro medíocre que resta, mesmo que tenha vocação para a vida pública, o Cristão é ameaçado pela tentação de fugir da atuação política, com medo de sujar as mãos, em atividade tão desmoralizada...

Rendem-se assim às regras do jogo falso que lhes foi preparado pelo sistema.

Diante de tamanhos desafios e cercado de tão traiçoeiras armadilhas, o Cristão se sente muitas vezes despreparado para o desempenho fiel de sua missão.

A função da família

A família teria um papel preponderante em sua preparação para uma vida fecunda no mundo.

Nela devem formar-se pessoas humanas livres, conscientes e responsáveis.

Não através de uma formação que se reduz à transmissão de valores imutáveis dos pais para os filhos.

Numa educação familiar adequada, todos se educam mutuamente, tendo, como intermediário, o amor. É do tão rico de estímulos, experiências e desafios.

Na família, se desenvolve, a consciência crítica de todos — filhos — para se tornarem cidadãos mais capazes de interpretar a realidade e de que deve ser humanizada.

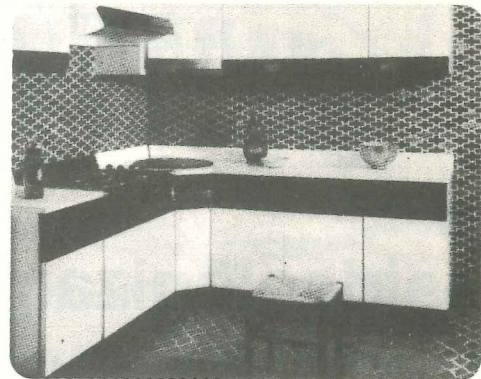
Nela se desenvolve o senso de responsabilidade, que a ninguém escapa, na construção de uma sociedade mais fraterna, como exigência da vida.

Na família, enfim, pais e filhos transmitem contínua e reciprocamente os valores e a Fé que serão o fundamento para o compromisso concreto com o bem comum.

Por isso, é quase intrínseca a função intermediária da família na iniciação crítica e transformadora de seus membros na sociedade.

As famílias fechadas e acomodadas que se preocupam apenas com o bem pessoal e profissional de seus membros, protegendo-os dos riscos e da insegurança que estão associados à participação ativa na construção da ordem social, mais justa, geram cidadãos conformistas e neutros, incapazes de viver o seu compromisso cristão no mundo.

**DO EM 5
RESTAÇÕES
EM JUROS.
RÉDITO
MEDIATO!**



**AZULEJOS • PISOS
PASTILHAS • LOUÇAS
AQUECEDORES
SANITÁRIOS
CERÂMICAS
FOGÕES • METAIS**

brimatec

J.S. BRITO LOUÇAS E FERRAGENS LTDA.

| | | |
|------------|-------------------------------|---------------------------|
| Centro | rua Ubaldino do Amaral, 93/99 | tel.: 244-5335 (PBX) |
| Estácio | rua Frei Caneca, 442 | tel.: 224-2663 |
| Campinho | dep.: rua Carlos Xavier, 837 | tel.: 390-2710 — 390-4615 |
| Copacabana | av. Princesa Izabel, 245 | tel.: 275-4296 |
| Tijuca | rua Conde de Bonfim, 85 | tel.: 264-5940 |

desideologização da igreja

Renato Tepedino

Constantemente no debate sobre a Igreja, está se tornando hábito a questão das ideologias.

De maneira simplista os bispos são classificados em diversas categorias: conservadores, progressistas, pró-comunistas, pró-capitalistas, etc.

Mesmo entre os leigos há uma preocupação constante em determinar o comportamento de cada grupo em relação a esta ou aquela ideologia.

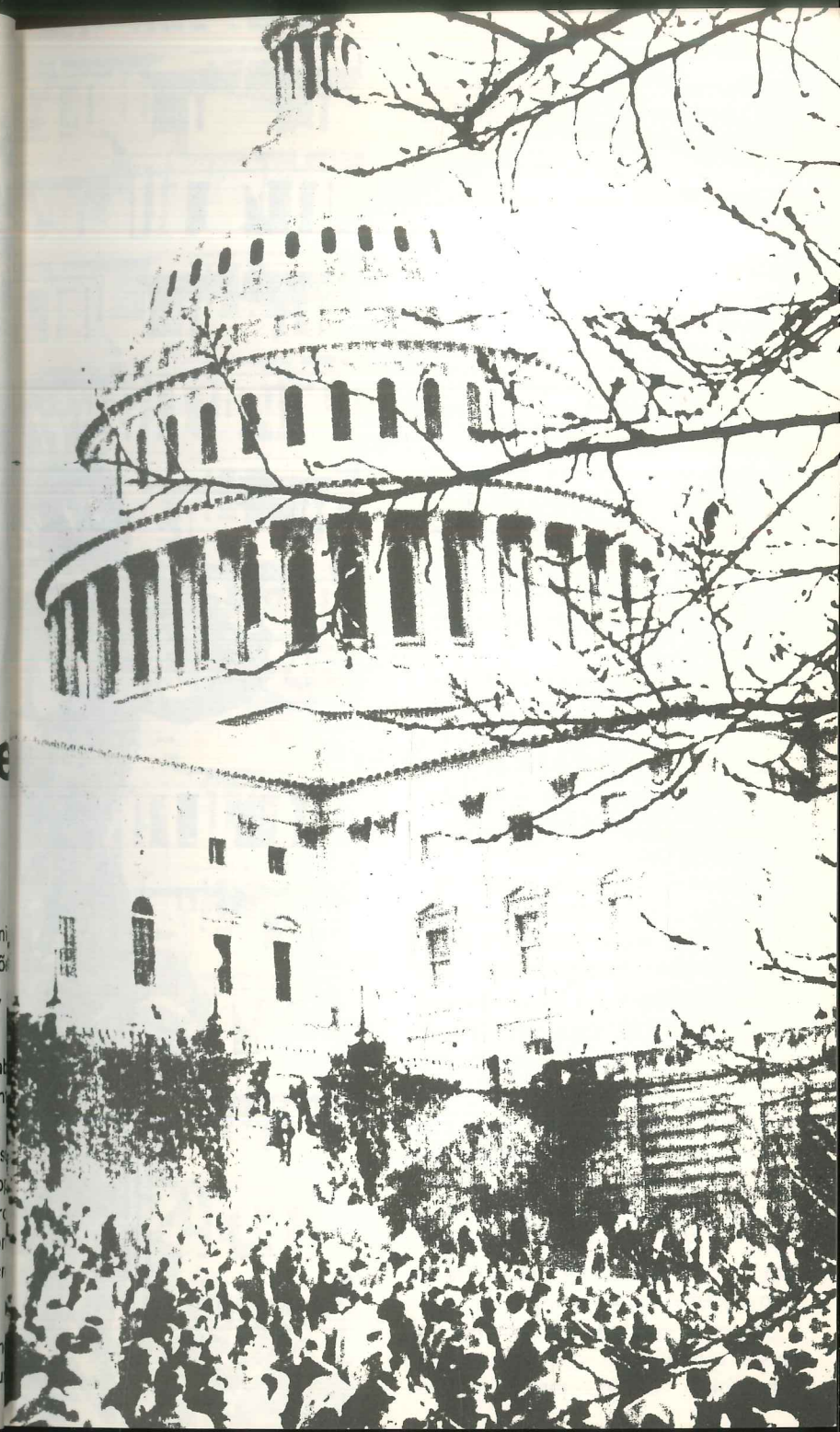
Não podemos fugir desta realidade da Igreja de hoje, principalmente no Brasil e na América Latina.

Entendemos que este fato concreto que transpõe a todos nós no dia a

dia, pelos veículos de comunicação, não se trata apenas de posições pessoais deste ou daquele bispo, grupos isolados.

A partir do Vat. II, a assembleia maior da Igreja, com a descensão do poder decisório de Roma através das Conferências Episcopais Nacionais e Continentais, produziu, principalmente ao Terceiro Concílio, o surgimento de teologias próprias encarnadas na realidade concreta de cada país e de cada povo.

Até então, o resto do mundo era dependente de uma teologia eu-



que nem sempre, apesar do esforço "das adaptações", era adequada às diversas realidades vividas pelos cristãos fora da Europa.

Na América Latina principalmente, emergem diversas tendências teológicas, fruto, sem dúvida, da realidade de opressão em que vivem estes povos. Talvez por isso, a Teologia, chamada "da Libertação" tenha correspondido de maneira mais imediata às necessidades do cristão deste Continente, tanto nos meios leigos como eclesiais, apesar de pequena minoria.

Trata-se de um esforço de traduzir os Evangelhos, a proposta de Jesus Cristo, de maneira concreta para a realidade de vida destes povos.

Um dos pontos básicos dessa Teologia é o processo de "desideologização" da Igreja.

Estando a Igreja Latino-Americana comprometida com os sistemas vigentes, desde a colonização espanhola e portuguesa, onde confundiam a Igreja e o Estado, a Igreja, atrelada ao poder dominante, inevitavelmente compactuava com os poderosos.

Esta corrente teológica propõe que, em processo de desideologização, a Igreja institucional se desvincule desta "aliança", como a única maneira, de ela, Igreja, cumprir sua missão evangelizadora, tendo em vista que o Amor Cristão é um comprometimento com a Justiça. Mas Justiça para todos os homens.

Sem dúvida, vem ocorrendo nos países latino-americanos uma ruptura entre a Igreja e o poder do Estado.

Vem à tona uma Igreja isenta, irrequieta, e crítica diante das injustiças e dos sistemas opressivos.

Quando esta ruptura ocorre em países capitalistas, gera uma reação bem típica: "se não compactuam, são



contra, se são contra e nós somos capitalistas, são comunistas".

Acontece que a desideologização é de qualquer ideologia, seja ela capitalista ou marxista.

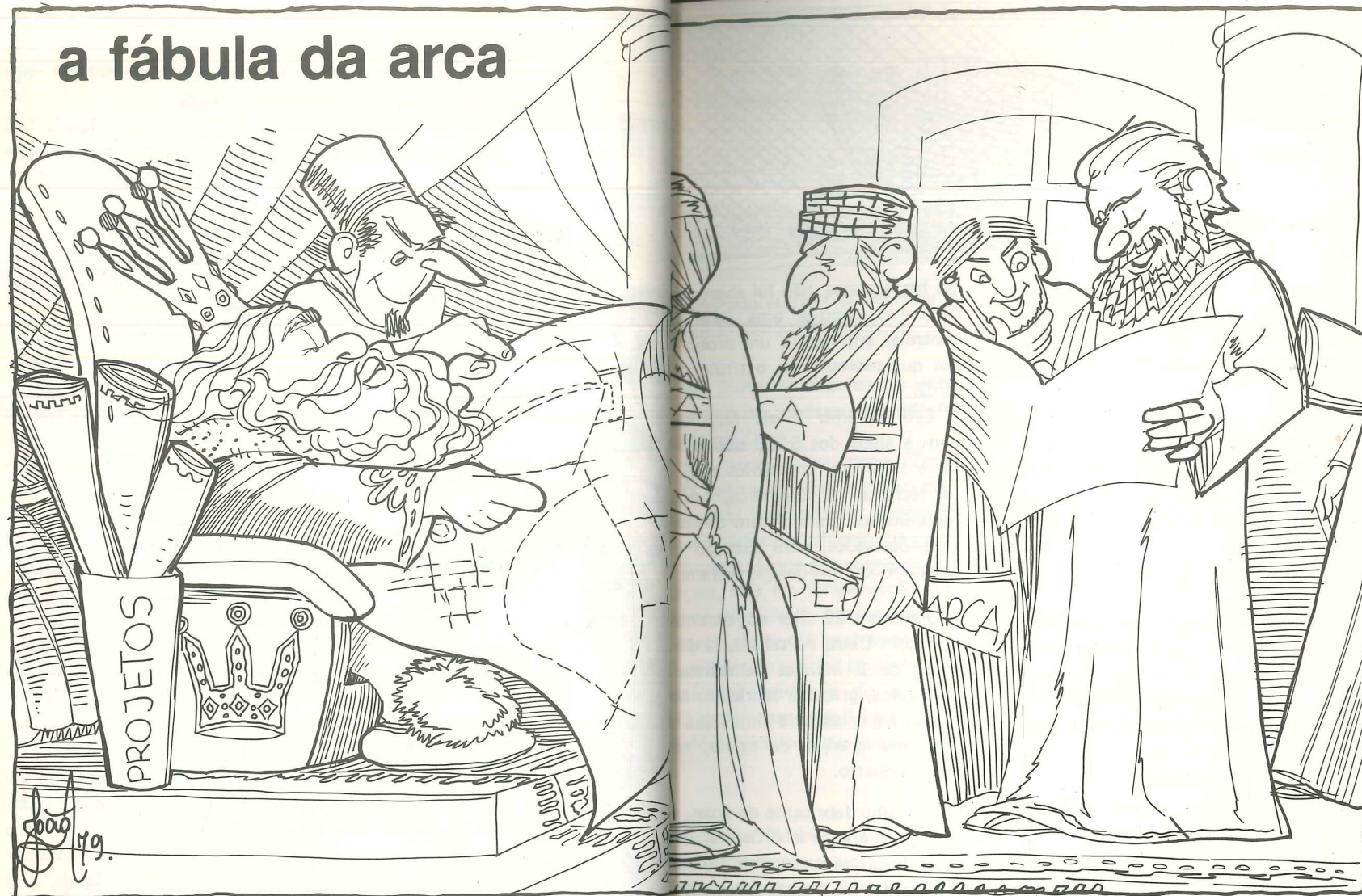
Para estes teólogos a Igreja está comprometida somente com a mensagem de Cristo e seu povo; deve dialogar com todos os povos, independentemente de suas ideologias, manter-se vigilante e denunciar todas as opressões e injustiças que ferem a dignidade do homem.

Assim, nos parece que a desvinculação da Igreja do poder dominante, no caso da América Latina, o capitalismo, não é uma opção pelo marxismo; a desideologização é contra qualquer ideologia, à esquerda, à direita ou ao centro. Com isto a Igreja procura a sua própria identidade. Nesta busca, os chamados "progressistas" são, paradoxalmente, os mais "retrógrados", pois voltam às raízes do cristianismo dos primeiros séculos, procurando traduzir para os nossos tempos a mensagem de Cristo, livre das elaborações e alienações ideológicas, tentando inserir de maneira concreta a mensagem de Cristo na história desses povos.

Parece-nos que o pluralismo na posição dos bispos, tão debatida atualmente, não é um problema ideológico e sim de Ecclesiologia, isto é, a maneira de viver a Igreja, de ser Igreja, uma diferença no "modus" de traduzir e viver a palavra de Cristo, e não um comprometimento ideológico. Muito pelo contrário.

O discurso da Igreja até então instrumento valioso para manutenção do "status-quo" como elemento de redução e resignação das massas marginalizadas volta agora, com muito mais conteúdo evangélico, a ser uma esperança de libertação desses povos.

a fábula da arca



Certo dia Deus chamou o Rei e disse-lhe:

— Rei, não vou lhe dar maiores detalhes, mas seria bom que você mandasse construir, dentro de um mês, uma grande arca. Bem grande.

Informado, o Rei voltou ao palácio e falou do que lhe dissera Deus a um amigo. Dele, ouviu que existia do

outro lado das montanhas da Turquia, durante a vida do bisavô do sobe-um velho fabricante de arcas.

O velho foi chamado ao Salão dos sábios que cercava e planejava o Reino do monarca — que, como bom monarca, também era cercado por sábios — foi ao ouvido do Rei a vontade de Deus. O ancião, ta-

e silencioso, recebeu a ordem da Majestade, se é a vontade de bora para a sua tapera, onde, acho que seria temerário colotuía as melhores arcas do Reino o projeto da arca da depen-

dência exclusiva do know-how do velho, cuja tecnologia, pelos últimos relatórios recebidos, parece obsoleta se comparada com o que se faz nos países que estudam o assunto, apesar de como sabemos, não fabricarem arcas. Eu aconselharia o Reino a criar um grupo de trabalho para coordenar o Projarca, como poderíamos chamar o projeto.



E Noé, que em sua arca só levava bichos, foi em frente.

o ambiente cultural e o casal

(Revista CIAS Argentina — parte de uma reflexão mais ampla).

Os profissionais que trabalham com casais em conflito comprovam que as causas do fracasso de grande maioria de casais se situam, antes de tudo, no modo como encaram sua convivência: isto é, situam-se, não tanto em causas de ordem econômica, social ou genital, mas na incapacidade de resolver os problemas provenientes da convivência diária.

Os jovens se casam, geralmente, com grande desejo de se amarem, mas experimentam, ao mesmo tempo, grande dificuldade de expressarem essa relação efetiva e em assumir as responsabilidades próprias da vida em comum.

Isto se deve, em parte, ao fato de estarem eles submetidos a enormes tensões e pressões, e talvez por não serem capazes de reservarem um pe-

queno espaço de tempo para a reflexão em comum para que possam refletir-se sobre seu presente e seu futuro, para elaborarem conjuntamente um projeto de vida que, apesar disso, de modo implícito, em camuflado. Um exemplo do que afirmamos pode ser encontrado na tendência de romantização da vida, alimentada pela grande maioria dos jovens, que gira a qualquer tipo de problema (cursos de preparação ao casamento, reuniões de noivos, leituras de livros apropriados, etc.). É-nos preciso reconhecer também que, muitas vezes, a pastoral específica sobre o matrimônio e a família sublinha mais o que não se pode fazer (proibições moralista e negativa) do que o que se precisa criar, assumir, realizar. Isto constitui um dos pontos críticos que precisam ser questionados.

valores culturais que mais permeiam o meio da crise atual, os provenientes de uma sociedade de consumo e de prestígio. Existe uma pressionante promoção desses valores por parte do mundo, já esclerosado em moldes de serem rompidos, e por parte da propaganda, promovendo determinados estilos de vida através dos meios de comunicação de massa. Tanto em âmbito estatal quanto privada, esses meios de comunicação, salvo raras exceções, funcionam em toda a parte, e os mesmos programas massificam-se comerciais, piegas e escapistas. A grande influência através da TV, tudo — particularmente do lado latino-americano, cuja alienação secular se alimenta em função dos interesses defendidos pelos poderes sócio-econômico e político.

melhor das hipóteses, esses programas podem ajudar-nos a fugir das tensões que vivemos atualmente, e isto neutralize uma tomada

de consciência mais profunda do significado dos acontecimentos e de suas causas, impedindo ou obstaculizando uma sadia inquietação por uma realidade melhor.

Claro que não negamos as gigantescas possibilidades que têm os meios de comunicação, na promoção humana: a amplitude, rapidez e qualidade da informação abre horizontes para outros setores e outros povos; a criação de um novo tipo de homem e de civilização, mais de acordo com a complexidade atual. Mas lamentamos que, aqui e agora, continuem pesando mais os elementos negativos.

Esse campo sumamente amplo para uma ação cristã eficaz é prioritário e urgente. Não existem, praticamente, programas ou artigos sérios e interessantes sobre esses temas que nos preocupam e que são universais. E não podemos menosprezar a capacidade crítica do povo — em geral muito mais sensível do que pensamos, a programações bem feitas, sensatas, sérias.



Outro aspecto a ser levado em consideração hoje, é a situação em que se desenvolve a vida urbana situação que repercute em nossas famílias. Não apenas no que se refere à sua segurança jurídica e econômica, ou à sua proteção social (bastante instável por falta de uma legislação global, embora existam progressos isolados) mas pelo próprio marco político que nos rodeia. Marco que ultrapassa as anedotas da vida dos partidos políticos ou da vida do Governo e penetra na vivência de todos os homens e de todos os dias, com sua carga de receios, frustrações e desalentos.

A falta de canais válidos de expressão — porque não reconhecidos como tais aqui existem e que são oficialmente — a distorção dos convívios humanos, a incoerência ou mediocridade dos dirigentes, origem a um clima de desconhecimento, que, evolui, seguros, em estados de angústia com consequências para a vida ou em apatia e evasão de responsabilidades em qualquer nível.

Tudo isto forma um ambiente inadequado para a formulação de um projeto de vida mais ou menos



...oriente os esforços que os jovens recém-casados costumam fazer, o objetivo de concretizar bem a vida conjugal e familiar. É preciso muita ingenuidade ou muito mistério para se elaborar um planejamento, quando a gente não pode prever onde se vai, o que acontecerá no futuro próximo ou mesmo imediatamente. Hoje como ontem, chegamos à conclusão de Saint-Exupéry: "não é olhar um para o outro, olhar, ambos, na mesma direção". É por isto mesmo, grande parte dos casais jovens procuram construir, não um companheirismo, e, quando pensam nos filhos, preferem que sejam poucos para que possam ter segurança econômica.

Em resumo, se tivéssemos que assinalar "por que" e "para que" se casam

hoje os jovens, sublinharíamos três motivos fundamentais, sabendo embora que neles existem tantos matizes, quanto são os casais que os adotam:

Casam-se:

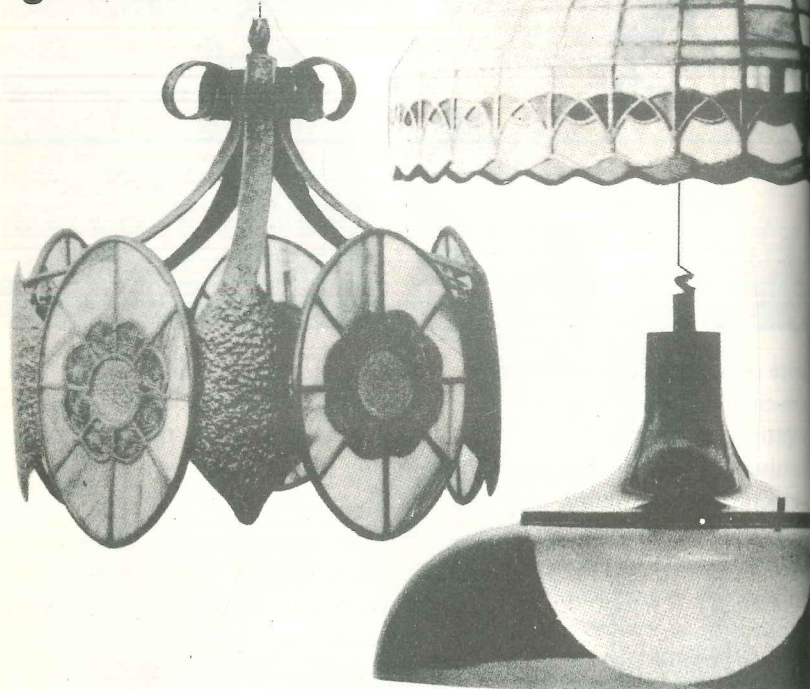
- porque se amam, colocando nesse amor todo um desejo, tanto de desenvolvimento pessoal quanto de apoio mútuo;
- porque desejam estabilizar seu relacionamento, hoje, mais do que nunca, ameaçado por todos os lados;
- porque desejam prolongar-se no filho.

Embora este tenha deixado de ser o objetivo prioritário (pelo menos no tempo) e quase único do matrimônio, continua a ser, no entanto, uma aspiração muito profunda e generalizada de quase todos os jovens casais.

lustres • apliques luminárias

NOVA LUX

material elétrico em
geral e ferramentas



Aqui, na NOVA LUX você encontra materiais elétricos, ferramentas e todo tipo de lustres que iluminam e decoram os mais variados ambientes. NOVA LUX é sinônimo de qualidade.

NOVA LUX

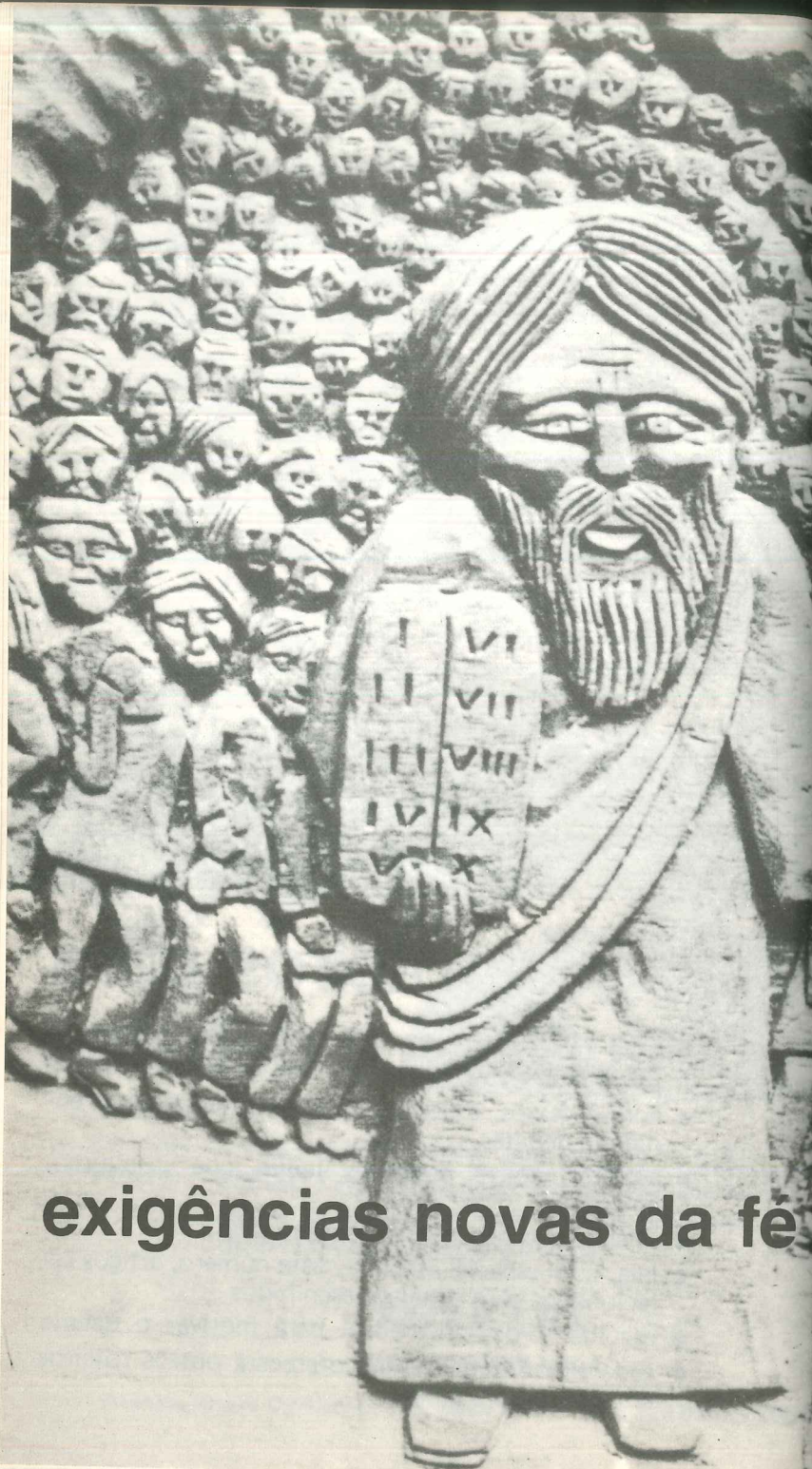
ELETRICIDADE LTDA.

Avenida Amaro Cavalcanti, 145, Méier - RJ — Tels.: 229-6647 e 269-81



roteiros para reuniões e debates

- apresentamos, a seguir, diversos roteiros para reuniões e debates
- escolha dentre esses os temas que interessem ao grupo
- selecione as perguntas mais adequadas
- leia, com especial atenção neste número, artigos relacionados com os temas escolhidos
- escolha a dinâmica ideal para motivar o debate
- cada número da revista oferecerá outros roteiros e temas sempre atuais.



exigências novas da fé

o longo dos tempos, por causa do aliso de transcendência, os homens procuraram viver formas de espiritualidade que respondiam às exigências de época.

Houve Cruzadas contra os "infiéis"; e o silêncio dos mosteiros em que homens ou mulheres se isolavam definitivamente do mundo, para um encontro mais profundo com Deus; as modalidades predominaram em certos momentos da História.

Teria um equívoco apegar-se e tentar reproduzir, nos nossos dias, formas de espiritualidade que já não respondem às novas interpelações do mundo moderno.

Hoje se questiona a espiritualidade encarnada e descomprometida com as necessidades dos homens.

Além disso, também não é aceitável a espiritualidade conjugal sem conexão com a prática efetiva das responsabilidades sociais: fidelidade, doação, trabalho, ajuda mútua e vivência adulta e madura.

Que sentido teria uma espiritualidade familiar e comunitária, sem compromisso ético com a justiça e o amor próximo?

Teria validade a prática religiosa sem conexão com os atos concretos da vida cotidiana?

A oração pode se reduzir a magia mercantilizada com Deus. . .

A vivência sacramental e a liturgia são muitas vezes vazias de sentido profundo.

É preciso dar sentido efetivo e real a todas estas formas de experi-

mentar-se e alimentar-se. uma verdadeira espiritualidade.

O cristão é hoje desafiado a descobrir o sentido da espiritualidade que o mundo de hoje reclama: como indivíduo, como casal, constituído em família e como membro do Povo de Deus, segundo os carismas e a vocação de cada um, sensíveis aos sinais dos tempos.

Há uma forma exigente de se viver uma espiritualidade encarnada, no nosso contexto social.

Com efeito: percebe-se, hoje, no nosso Continente, viva reação à situação de injustiça e à iniquidade dos sistemas sociais que marginalizam grande número de famílias, condenadas à extrema pobreza.

Este fenômeno é agora identificado como situação de pecado.

O cristão é chamado, então, a assumir a causa dos pobres e de sua libertação da opressão da miséria.

Assumir esta causa, com todas as consequências, **como opção de Fé**, será uma forma exigente de se viver, hoje, uma autêntica espiritualidade cristã, no compromisso de construção do Reino de Deus, aqui e agora.

PERGUNTAS PARA UMA REUNIÃO

- Como entendemos a espiritualidade cristã — individual, conjugal, familiar, grupal — no mundo de hoje?
- Que opções concretas podemos assumir, para uma vivência mais autêntica da espiritualidade cristã, aqui e agora?
- Qual o sentido da oração? E dos tempos simbólicos de encontro mais íntimo com Deus? Da liturgia e da prática dos sacramentos?



a alegria do encontro

Muita gente acha que "o desajustamento sexual é a causa do esvaziamento do amor conjugal".

seria este o motivo mais frequente separações e da desagregação familiar.

Muitos acham o contrário: "o desajustamento sexual no casamento é consequência da falta de vivência e de celebrações do amor conjugal".

Também estes costumam admitir que pode acabar se formando um círculo vicioso: a frustração sexual e o esvaziamento da vida afetiva do casal se alimentando reciprocamente. Com quem estará a razão? O que houve antes: "O ovo ou a galinha?". As pessoas de antigamente usariam essa expressão: "isto dá panos para cobrir as costas...".

Uma coisa, entretanto, parece ser muito aceita: a conexão entre a sexualidade e a vida afetiva conjugal.

Esta conexão pertence ao mundo dos simbolismos, que só o ser humano é capaz de construir.

Porque só o homem é capaz de fazer de uma simples refeição em comum, o símbolo e a celebração da amizade. Ou de eleger um objeto qualquer como sinal de realidades maiores: a flor seca guardada dentro de um livro, presente antigo que pode simbolizar o início do amor do casal; um velho banco, de madeira, conservado desde a infância, e que fala de tantas alegrias e infortúnios vividos em família, usado por parentes queridos que já se foram: será um símbolo da coesão familiar que se construiu ao longo de

tantos anos de vida em que aquele sólido assento de madeira, já desgastado pelo uso, era uma presença e utilidade sempre aceitas distraidamente.

Assim, também, a sexualidade conjugal, com todas as suas ricas e variadas formas de expressão, torna-se um símbolo insubstituível do amor conjugal.

A sexualidade, é claro, não se reduz ao ato conjugal, mas engloba todos os impulsos e manifestações de doação e comunhão, de ajuda e aceitação mútuas no encontro de pessoas, na vida quotidiana do casal.

Ela é essencialmente espiritual.

Alimenta e celebra o entusiasmo de viver e a alegria de estar juntos.

Só dentro deste contexto de comunhão de vidas, na preocupação pelo bem do outro, a sexualidade se exprime e transborda num ato conjugal íntegro e rico de simbolismo.

Torna-se sinal sensível e eficaz do amor-doação. Eficaz porque ajuda a construir, reforça, alimenta e fecunda o próprio amor que ele exprime.

É assim o dinamismo da profunda relação de pessoas que o casamento constrói, numa linha de totalidade: doação no ser e no agir, intimidade ao mesmo tempo física e espiritual, comunhão integral de duas pessoas, no amor.

Muitos ainda perseguem o ajustamento sexual por complicados e acrobáticos mecanismos e "técnicas de desempenho" aprendidos em aulas de sexologia ou em consultórios especializados — e fazem do ato conjugal uma sessão de ginástica. . .

Esquecem que tais recursos terão sempre uma eficácia duvidosa se o ato não irrompe naturalmente do arrebatamento amoroso da vida compartilhada.

O casal que se ama de forma adequada sabe exprimir sua relação afetiva com entusiasmo e frequência, em atitudes sexuais harmoniosas e profundamente amorosas.

A alegria dessa intimidade aumenta a capacidade de doação, de comunicação e comunhão — que predispõem o casal, ainda mais, a novas relações mais íntegras e bordantes de alegria e prazer, longe do círculo vicioso.

Esse dinamismo construtivo quece a vida conjugal e familiar. Nele decorre a tranquilidade, a harmonia e a ternura com que o casal enfrenta as dificuldades e os desafios do dia-a-dia.

Quem vive esse dinamismo cria condições melhores para a construção de relações familiares, que se refletem em relações sociais amplas e mais fraternas.

ALGUMAS QUESTÕES PARA REFLEXÃO

- Que sentido tem para nós a sexualidade é essencialmente es-
dade conjugal? Suas expressões são formas
- Como é entendida — e como se manifesta — a sexualidade? Suas expressões são formas
da de fato — a conexão entre o amor conjugal.
- Que condições — espirituais, psicológicas, físicas e materiais — devem ser des-
cem-nos necessárias para uma adequada integração do casal e para o dinamismo das relações afetivas,
lógicas, físicas e materiais — devem ser des-
dade não devem ser desprezados.
- Como avaliar até que ponto as condições se tornaram inace-
tantos?
— condições econômicas, de moradia, de trabalho. . .
— condições de equilíbrio psicológico, de tranquilidade e de amor que procuram exprimir não
interior. . . capaz de resolver algumas dificul-

ORES DO CASAMENTO:
XUALIDADE (II)

diálogo da sexualidade

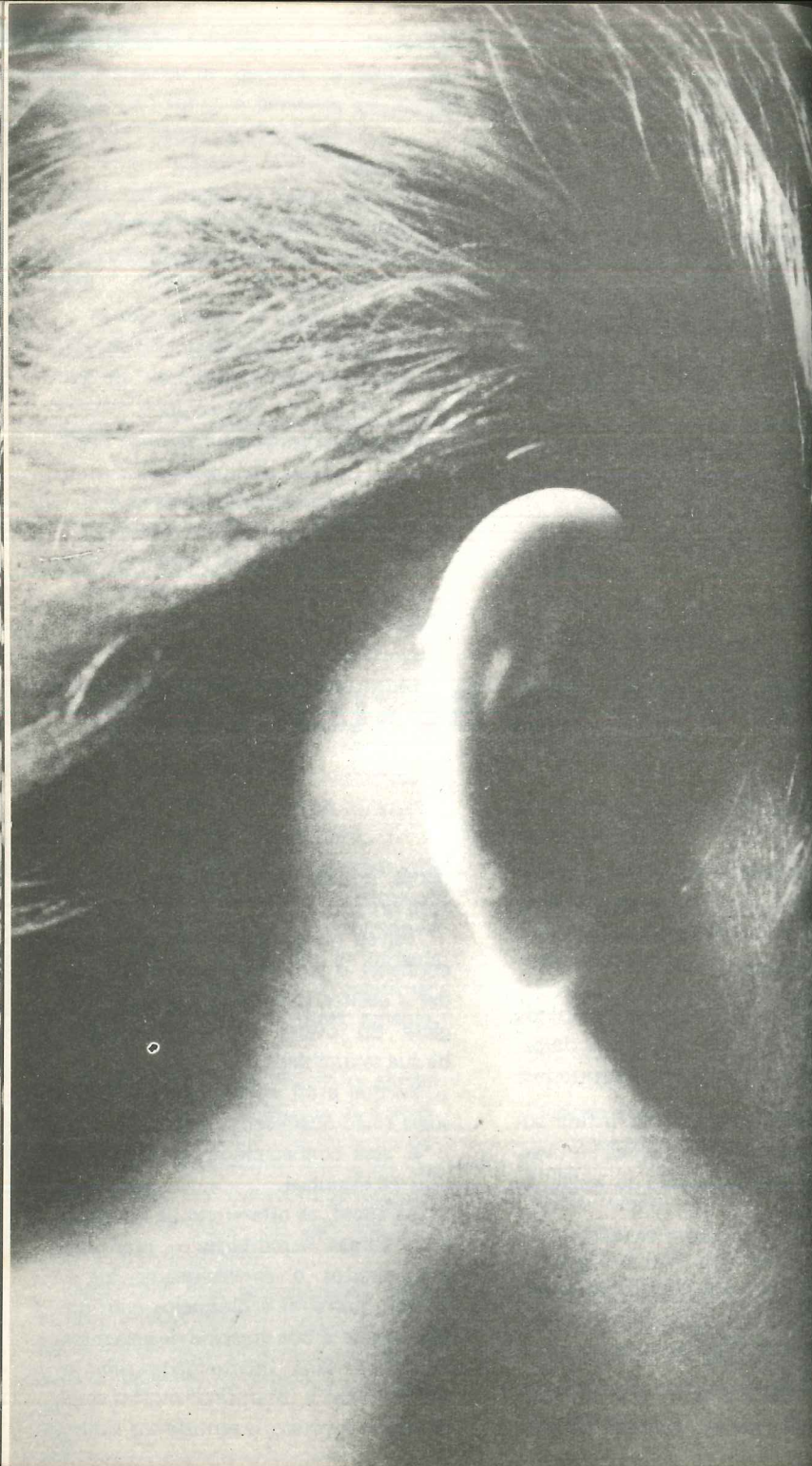
dades, muitas vezes nem identificadas com nitidez.

Talvez nunca tenham chegado a se conhecer o suficiente para compreender e aceitar as peculiaridades psicológicas do outro e as características de sua sexualidade.

Porque estas coisas são muito pessoais e não obedecem a modelos.

E esse conhecimento profundo do outro é essencial.

Às vezes, as diferenças de educação e as cargas hereditárias — com seus preconceitos e condicionamentos — criaram barreiras e bloqueios mais fortes do que a boa vontade de vencê-los. Ou, quem sabe, mentalidades diferentes os levem a interpretar muitas vezes de modo errôneo, o sentido e o símbolo



o dos gestos, das atitudes e dos comportamentos do outro, no ato sexual ou na sua preparação. Por isso, a importância do diálogo casal, para expressões mais perfeita da sexualidade.

Um diálogo tranquilo e descontraído, aberto e sincero, levaria à superação progressiva dessas dificuldades. Na medida em que ambos se revelassem mutuamente, com naturalidade, seus medos ou frustrações, alegrias ou decepções.

O silêncio conformista e o mutismo prolongado são imperdoáveis, nessas situações de desencontros sexuais.

Muitos que viveram essa alegria, em alguma idade, numa fase gratificante de suas vidas, se perguntam hoje, perplexos, o que lhes terá acontecido, tantas dificuldades que encontram para estabelecer a harmonia abalada ou perdida.

Talvez descubram que deixaram as relações amorosas se desgastarem na rotina, pelo cansaço dos gestos repetidos e pela falta de atenção. . . Ou por excesso de preocupações e dispersão de suas vidas entre tantos compromissos sociais e profissionais que não souberam dosar ou hierarquizar.

Mas, vamos reconhecer: as pressões que se exercem sobre o homem e a mulher são muito poderosas!

Essas pressões podem condicionar o homem, por exemplo, a viver uma sexualidade empobrecida, que reduz o sexo a uma fria e apressada relação comandada, precipitadamente, pelo simples mecanismo dos sentidos, desligada de qualquer conteúdo emocional.

Ela não se sentindo envolvida por um homem tão densamente amoroso, a esposa

se sente manipulada, reduzida a simples objeto sexual!

E se mantém desinteressada e distante. . .

Ela, normalmente, não é capaz de viver intensamente a sua sexualidade sem conexão com a sua vida afetiva.

Por isso, espera dele uma prolongada preparação psicológica e espiritual, marcada pela ternura e pelos gestos que exprimem afeto e dedicação. E cujo clímax natural seria a expressão física sexual do amor conjugal.

Estas e tantas outras possibilidades de desencontros, são fruto de pressões e condicionamentos que dificultam a construção de um autêntico encontro de pessoas.

Suas causas devem ser identificadas e analisadas, com humildade, pelos parceiros que desejam, sinceramente, manter ou reconstruir o entusiasmo de viver e a alegria de estarem juntos.

E o diálogo é um grande instrumento nesta busca.

QUESTÕES QUE ESTE TEMA PROVOCA

- Que gestos, atitudes e comportamentos concretos facilitam uma convivência mais harmoniosa e construtiva da sexualidade conjugal?
- E os que, ao contrário, criam barreiras e bloqueios?
- O que cabe a cada parte — ele e ela — fazer objetivamente, no cotidiano da vida-a-dois, para que a sexualidade seja sempre e cada vez mais, uma expressão íntegra do amor conjugal?
- Como ajudar outros casais a conquistarem condições para viver toda a riqueza da sexualidade conjugal? — condições espirituais, psicológicas, físicas e materiais.

o segredo dos gestos e das coisas

Uma mesa pode ser apenas uma mesa.

Um simples objeto de madeira.

Podemos medi-la, pesá-la e descrever suas características físicas: a forma, a qualidade do material de que foi feita. . .

Tudo isto é próprio do objeto-mesa. É imanente.

Mas uma mesa pode ser mais que uma mesa.

Pelo que simboliza, pelo que recorda e evoca, pelo que aponta e promete.

É a sua dimensão transcendente, que ultrapassa a sua imanência, aquilo que pode ser visto e medido no objeto.

Se naquela velha mesa comemoramos as festas da nossa infância e comemos juntos o alimento; se em torno dela sempre reunimos os nossos amigos e celebramos os grandes acontecimentos da nossa vida familiar — então ela já não é uma simples mesa.

É um sacramento humano. Se recorda Deus. Tudo é sacramental que evoca a vida, a amizade, e Deus.

outros valores humanos, que são a floresta, o mar, o gesto de solidariedade, os objetos criados pelo homem.

Quando olhamos essa mesa — são sinais vivos da presença de mais que o tempo pesado que nos sobrepõe.

Recordamos o passado e a união do homem e da mulher, emergir, dessas recordações, o amor, é sinal do Amor-Total que é presente. Simboliza o amor de Deus por nós.

Então, a mesa é um sinal eficaz, reproduz os sentimentos e valores que evoca.

Se nos recorda os tempos de celebração da amizade no nosso amor humano, mais significativo ele do, nos impulsiona a viver mais dessa presença de Deus.

Há sacramentos divinos. Por isso, podemos entender que o elemento não é algo mágico, pronto

São sinais da presença de Deus, que se agrega à união conjugal, nos objetos, nos acontecimentos do dia do casamento. nos gestos simbólicos dos homens

Porque o amor que une o casal, naquele momento, ainda é promessa, projeto, início de um processo longo de amadurecimento, que vai durar toda a vida.

É na vivência humana do amor que se efetivará o sacramento, inaugurado com a solene promessa de doação-aceitação mútuas, na celebração do casamento.

O grau de sacramentalidade acompanha, assim, o crescimento do amor.

É um processo, algo que se constrói e consolida.

Que deve crescer em sua dimensão humana, para crescer em sua dimensão sacramental, dimensões complementares de uma mesma e única realidade.

É, portanto, no quotidiano da vida conjugal, marcado por alegrias e renúncias, avanços e tropeços, sofrimentos e esperança, apoio mútuo e responsa-

Libertação pela simplicidade

bilidades efetivamente assumidas pela realização global do bem do outro — que se consolida a sacramentalidade do casamento. Presença definitiva e indispensável de Deus na vida do casal e da família que constitui.

É certamente incômoda a idéia de que o sacramento não seja uma realidade completa e acabada, como um selo aplicado ao casamento, desde os primeiros momentos, sem grandes exigências.

Essa visão introduz um desafio permanente ao casal que deseja viver a dimensão transcendente do seu casamento.

Este desafio supõe um esforço permanente de construção.

E acentua a importância dos gestos simbólicos, da palavra, dos sinais que exprimem e amadurecem o amor conjugal.

UM ROTEIRO PARA A REFLEXÃO

- O que podemos fazer, concretamente, para alimentar o processo de amadurecimento do amor conjugal?
- O que poderá entrar em jogo nesse processo?
- Como tornar mais nítida essa dimensão sacramental do casamento?
- Que importância costumamos dar aos gestos simbólicos, palavras, atitudes que pretendem exprimir o amor conjugal? Que exemplos poderíamos citar?
- Como são vividos esses gestos em nossas vidas?



A gente vai se deixando envolver sem perceber.

A propaganda é inteligente e sofisticada.

Técnicos e especialistas, psicólogos sociais — e muito dinheiro! — são mobilizados para nos convencer de que a vida não terá nenhuma graça se não comprarmos aquela parafernália de artigos que seus simpáticos fabricantes precisam vender...

E quanto mais inútil ou supérfluo o artigo, mais sofisticada é a propaganda.

Afinal de contas, é preciso criar necessidades falsas e artificiais para que as nossas suadas economias passem para bolsos alheios, engordando os lucros de empresas poderosas.

E o pior é que essas empresas são geralmente internacionais, por serem essas as que mais acreditam no poder da propaganda e dispõem de maiores

recursos para investir nessa máquina quase irresistível.

Vejam, por exemplo, a propaganda de cigarros. Como se apela maciçamente para as frustrações de tantos, explorando nossa fragilidade psicológica para criar condicionamentos poderosos que nos escravizam aos seus desígnios!

E aquela espantosa variedade de aparelhos eletro-domésticos, alguns de cômica inutilidade, oferecidos à venda por módicas prestações com juros incrivelmente elevados que ninguém confere...

De repente nos percebemos felizes proprietários de uma diversificada coleção de coisas que enguiçam, cuja manutenção é cara e de utilidade duvidosa, se comparada com as dores de cabeça que provocam.

E nos vemos prisioneiros de encargos financeiros, prestações, consertos, consumo de energia, de combustível e... de paciência!

Será que vale a pena essa capitulação à sociedade do consumo? Ter mais para ser mais: eis o grande equívoco que nos é vendido em bela embalagem de palavras e imagens atraentes.

Seria preciso redescobrir-se o valor da austeridade e da vida simples, como práticas libertadoras.

Quem só tem ou deseja ter o essencial é mais livre que os que se entregaram ou sonham com a busca desenfreada da posse de bens materiais e ao consumismo.

Estes são geralmente obrigados a trabalhar mais que o necessário, com prejuízo para a vida familiar, para sustentar o padrão de consumo que estabeleceram. E vivem mais preocupados com o risco maior de perder coisas que se habituaram a usufruir — e sem os quais se sentiram agora carentes ou frustrados.

Além disso, o consumo excessivo de bens supérfluos configura uma situação de injustiça, já que as necessidades da natureza são limitadas — e já estão se esgotando! Os que vivem em demasia estão lesando a si mesmos e se devem contentar com as modestas riquezas que sobram da divisão desigual das riquezas.

E isto sem falar no que isto representa de cumplicidade na predatória natureza, que ameaça o equilíbrio ecológico de regiões, de países e do sofrido mundo.

A exaltação do pobre e a condenação do rico, no Evangelho, têm sentido claro que não pode ser esquecido por ideologizações...

O rico tende realmente a se entregar aos bens materiais e à segurança econômica, que se transformam em seu verdadeiro deus. Com raras exceções...

Aquele que se mantém desapegado das coisas — e se as possui, com a serviço efetivo dos outros — encontra mais plenamente a liberdade.

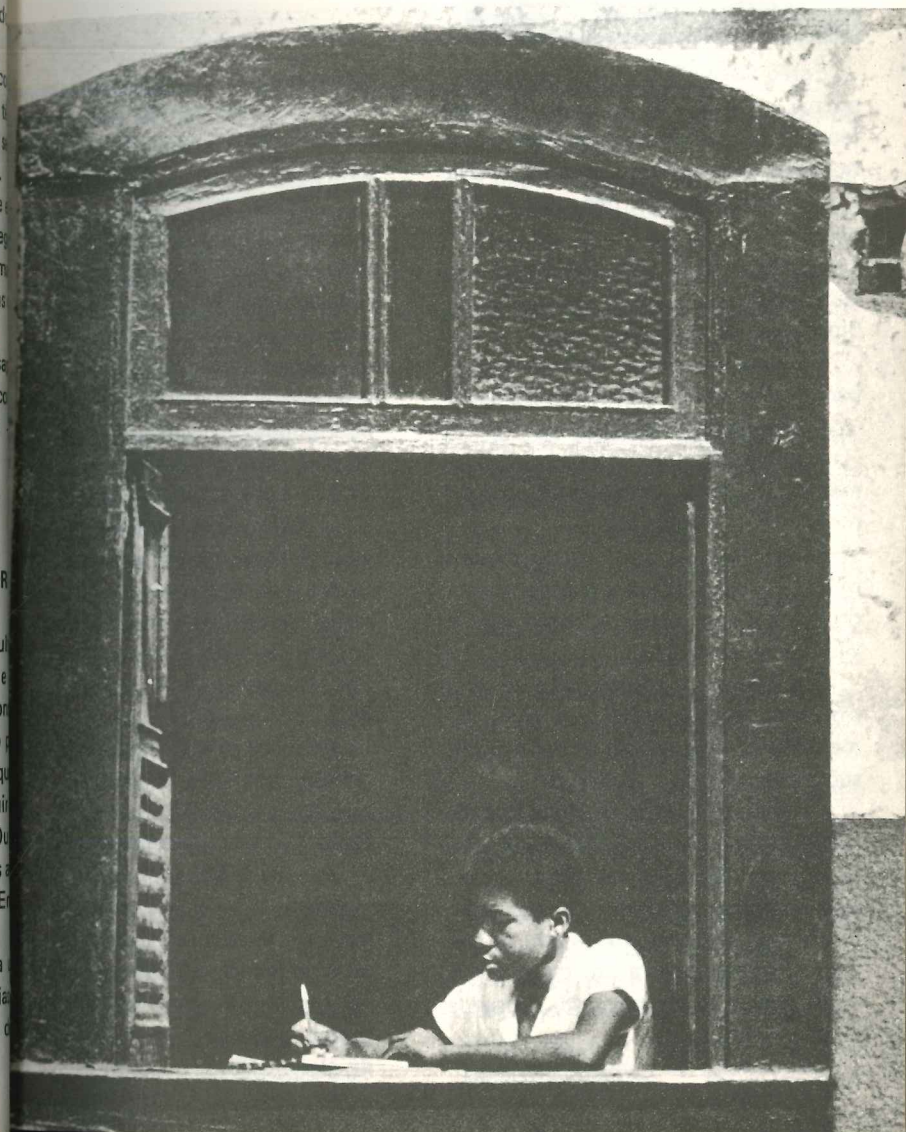
E é claro que isto é bom...

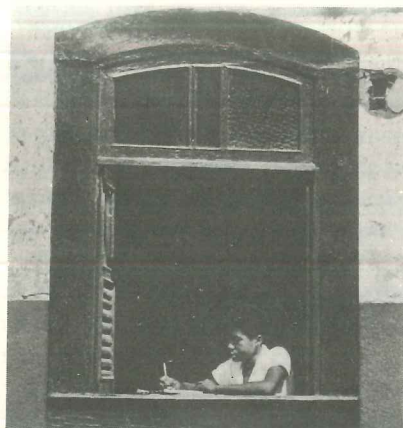
ALGUMAS QUESTÕES SOBRE ESTE TEMA:

- Até que ponto estaremos utilizando um limite razoável e não na posse de bens de consumo? Haverá algum critério claro para avaliar o "razoável" nesta questão?
- Estamos condenados a seguir a determinação da propaganda? Ou podemos nos defender de seus efeitos? Como? Individualmente? E por quê?
- Como repercutem em cada um de nós as frequentes advertências sobre os problemas ecológicos, a aceleração da natureza?

LORES DO CASAMENTO:
ECUNDIDADE

criar vida: um desafio





Então Deus disse: "Sede fecundos e povoai a terra". E, no princípio, ser fecundo era isso mesmo. É claro: a terra devia ser povoada porque estava ainda praticamente deserta. E até bem pouco tempo atrás, ter filhos ainda era a única fórmula aceita por toda gente para confirmar a fecundidade de um casal.

Ora, a procriação é, de fato, um aspecto privilegiado dessa fecundidade.

Apenas já não é o único.

Já somos capazes de ler o mandamento de Deus e entendê-lo numa dimensão mais abrangente.

Afinal de contas, o mundo mudou muito. Já está razoavelmente povoado. Muitos dos seus recursos naturais vão se escasseando.

E é péssima a distribuição de suas riquezas entre os bilhões de seres humanos que hoje vivem — ou tentam sobreviver.

Por isso, quem tem os olhos abertos e um mínimo de sensibilidade, vê e sabe que um número incalculável de pessoas vivem em condições sub-humanas, de miséria extrema, morrendo de fome, ou condenadas a um baixo nível intelectual e saúde precária, causados por sub-nutrição.

São milhões de homens que não vi-

vem como os homens deviam.

E, afinal de contas, cada ser humano não foi criado à imagem e semelhança de Deus.

É diante deste quadro que surgem desafios novos ao casal e à família. Pretendam ser fecundos: não procriar mas criar vida, num sentido ampliado.

Trata-se de ajudar outras pessoas a passar de condições menos humanas para condições mais humanas.

Abrir possibilidades para que possam viver, como pessoa humana, e não apenas vegetar — e que se abra espaço para a vida.

Aqueles que se dedicam a estas tarefas de promoção humana, criando vida para muitos. Serão aqueles que ameaçarão, um dia, a existência das famílias que puderem.

Uma das modalidades de promoção humana que mais se aproxima da criação e talvez até a supere: a adoção de filhos.

Quando se pensa nos milhões de menores abandonados em nosso país, não podemos deixar de pensar no mesmo número de famílias que teriam condições de adotá-los e de alguma forma responsabilizar-se por eles.

Estes desafios estariam esvaziando o valor da procriação? É claro que não!

O que hoje se espera dos casais é que tenham os filhos que sejam capazes de educar, e atender em suas ne-

cessidades básicas de modo a permiti-

res. E o problema estaria resolvido! Mas se os mais generosos dessem o primeiro passo, em cada bairro, em cada comunidade de vizinhança. . . o exemplo haveria de produzir efeitos surpreendentes, mesmo sobre os mais insensíveis ao triste problema social.

Mas as pessoas se cercam de medos e receios infundados. Ou elaboram complicadas justificativas para se esquivarem dessa modalidade exigente de serem fecundos.

E vai engrossando o imenso contingente de crianças e adolescentes, cada um deles talvez os deuses que ameaçarão, um dia, a existência das famílias que puderem.

Muitos deles serão talvez os deuses que ameaçarão, um dia, a existência das famílias que puderem.

Muitos deles serão talvez os deuses que ameaçarão, um dia, a existência das famílias que puderem.

Muitos deles serão talvez os deuses que ameaçarão, um dia, a existência das famílias que puderem.

Muitos deles serão talvez os deuses que ameaçarão, um dia, a existência das famílias que puderem.

cessidades básicas de modo a permitir-lhes realizarem-se plenamente como pessoas humanas.

Também no exercício da procriação responsável e consciente, defrontam-se a generosidade e a disponibilidade que se esperam dos pais, com o egoísmo e o comodismo, capazes de gerar famílias fechadas e limitadas em sua fecundidade.

PARA UM ENSAIO DE REFLEXÃO

- Que exemplos concretos de fecundidade podemos apontar em famílias que conhecemos?
- Há alguma possibilidade de aumentarmos o grau de fecundidade que vivemos como casal, família, grupo social ou profissional?
- Que dificuldades geralmente se opõem à adoção de filhos? Como poderiam ser removidas?
- Como tem sido entendida a paternidade responsável no meio em que vivemos e em outros grupos sociais? Como difundir critérios mais humanos para uma procriação livre, consciente, responsável e generosa?
- Que posição temos assumido diante das tentativas de implantação de programas de controle da natalidade no nosso país?

escreve o leitor

"Espero que continuem. O artigo do Pe. Dalton me agradou bastante".
Celina Maria Pinto — Rio de Janeiro.

"Comunicamos, com alegria, o recebimento da revista FATO E RAZÃO, edição especial (. . .) e formulamos votos de êxito". **D. Miguel Fenelon Câmara**, Arcebispo de Maceió — AL.

"O nº 5 foi muito apreciado e está sendo usado em nossas reuniões de equipes de casais do MFC". **Joaquim e Wanylda**, Cachoeiro de Itapemirim — ES.

"Este número está fora de série. Parabéns a toda a equipe redatora". **José e Inez de Oliveira**, Divinópolis — MG.

"Parabéns pelo excelente trabalho". **Plínio e Nilma Hidalgo**, Goiânia — GO.

"Cada nova edição de FATO E RAZÃO desperta maior interesse entre os casais, pela atualidade dos assuntos desenvolvidos". **Cláudio e Alda Camargo**, Santa Rosa — RS.

"A revista está cada vez mais sensacional". **Pe. Lourildo Soares da Silva**, Campina Grande — PB.

"Espero que a revista continue sua orientação humanizadora, fugindo do tecnicismo e dos esquemas que não levam a muita coisa". **Antonio Acanan**, Porto Alegre — RS.

"Mais uma vez, parabéns pelo seu trabalho apresentado". **Aglaentina Abreu**, Alagoinhas — PE.

"O nº 3 superou as expectativas. Gostamos do artigo: O medo das mudanças — Reações, por ser uma abordagem muito a propósito sobre os problemas que perturbam o relacionamento conjugal". **Paulo e Aparecida**, Curitiba — MG.

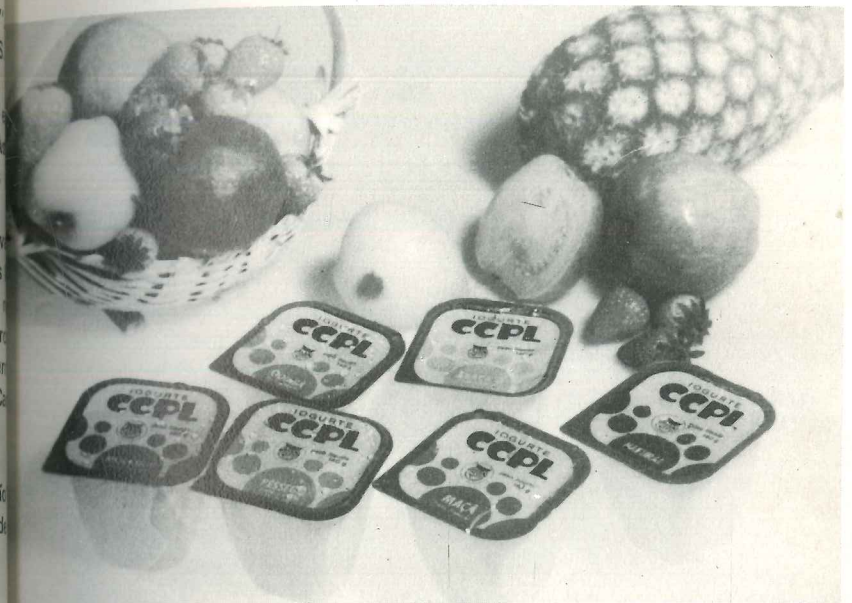
"A revista teve boa aceitação". **João do mundo e Cecy Veiga**, Rio de Janeiro — RJ.

"Parabéns pelo trabalho sério e consciente da equipe redatora". **Antônio Tomelin**, Curia Diocesana — PR.

"Em nome de D. Fragozo queremos felicitar pelo feliz desenvolvimento do tema e da apresentação do artigo. Desejamos boa continuação e sucesso para sempre, com um olhar sempre aberto para apresentar temas para reflexão". **João do mundo e Cecy Veiga**, Curitiba — CE.

"Eu me congratulo com vocês, parabéns, que estão no caminho certo". **Dr. Juraci Zoli**, Curitiba — PR.

Além do grande valor alimentar, aquele gostoso sabor de frutas naturais



UM PRODUTO
CCPL



COOPERATIVA CENTRAL DOS PRODUTORES DE LEITE LTDA.